

Renato Ribeiro Daltro

**Tensão no campo  
das tecnologias  
digitais da  
educação**



Pantanal Editora

2024

**Renato Ribeiro Daltro**

# **Tensão no campo das tecnologias digitais da educação**



Pantanal Editora

2024

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Dr. Jorge González Aguilera e Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

#### Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Profa. MSc. Adriana Flávia Neu  
Profa. Dra. Allys Ferrer Dubois  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior  
Profa. MSc. Aris Verdecia Peña  
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva  
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo  
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu  
Prof. Dr. Carlos Nick  
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos  
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva  
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos  
Prof. MSc. David Chacon Alvarez  
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira  
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira  
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão  
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins  
Prof. Dr. Fábio Steiner  
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza  
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez  
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles  
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira  
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto  
Prof. MSc. João Camilo Sevilla  
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales  
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski  
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira  
Prof. Dr. Luciano Façanha Marques  
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela  
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez  
Profa. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann  
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior  
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos  
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla  
Profa. MSc. Mary Jose Almeida Pereira  
Profa. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes  
Profa. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira  
Profa. Dra. Patrícia Maurer  
Profa. Dra. Queila Pahim da Silva  
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty  
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke  
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva  
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes  
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)  
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos  
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues  
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca  
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira  
Profa. Dra. Yilan Fung Boix  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

#### Instituição

OAB/PB  
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã  
UO (Cuba)  
IF SUDESTE MG  
Facultad de Medicina (Cuba)  
ISCM (Cuba)  
UFESSPA  
UEA  
UNEMAT  
UFV  
AJES  
UFGD  
UEMS  
IFPA  
UNICENTRO  
IFMT  
UFMG  
URCA  
ISEPAM-FAETEC  
IFG  
UEMS  
UFF  
(Colômbia)  
UNAM (Peru)  
IFRR  
UCG (México)  
Rede Municipal de Niterói (RJ)  
UNMSM (Peru)  
UFMT  
SED Mato Grosso do Sul  
UEMA  
IFPR  
Tec-NM (México)  
Consultório em Santa Maria  
UFJF  
UEG  
FAQ  
UNAM (Peru)  
SEDUC/PA  
IFB  
IFPA  
UNIPAMPA  
IFB  
UO (Cuba)  
UFMS  
UFPI  
UFG  
UEMA  
IFB  
UFPI  
FURG  
UO (Cuba)  
UFT

Conselho Técnico Científico  
- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior  
- Esp. Maurício Amormino Júnior  
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

**Catalogação na publicação**  
**Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

D152t

Daltro, Renato Ribeiro

Tensão no campo das tecnologias digitais da educação / Renato Ribeiro Daltro. – Nova Xavantina-MT: Pantanal, 2024.  
58p.

Livro em PDF

ISBN 978-65-85756-33-4

DOI <https://doi.org/10.46420/9786585756334>

1. Tecnologia educacional. I. Daltro, Renato Ribeiro. II. Título.

CDD 371.3944

Índice para catálogo sistemático

I. Tecnologia educacional



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

O livro apresentado em forma de e-book tem como base o curso de Especialização em Educação Digital da Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD), realizado em 2022, que é dividido em 04 módulos de ensino: Trilha 1 – Sociedade Tecnológica, Trilha 2 – Educação Digital, Trilha 3 – Competências Digitais, Trilha 4 – Cultural na Docência Digital, que foram apresentados no Memorial Acadêmico, descrito de forma autobiográfico, através da ação colaborativa dos membros das equipes formadas para a elaboração do Portfólio de final de curso.

Com mais de vinte anos trabalhando a pesquisa sobre as origens camponesas no Brasil (a trajetória social de trabalhadores rurais, o capital social acumulado), veio-me a necessidade de mudar o objeto de estudo, desta vez com enfoque no campo da comunicação, para atender a proposta do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, no Departamento de Educação (DEDC), Campi I da UNEB, Salvador, onde atuei como professor do quadro permanente do mestrado por cinco anos, entre os anos de 2010 a 2015, atuando na análise dos processos sociais tecnológicos e gestão educacional.

Minha experiência em pesquisa nessa área, relacionando a mídia e a escola, aproxima-se do grupo de pesquisa cuja tendência é a contestação aos meios de comunicação, levando em conta, em maior ou menor grau, as questões de dominação do campo econômico. O sujeito do processo de comunicação mediática, na visão de Pierre Bourdieu e seus colaboradores, deixam de ser o indivíduo e passa a ser a estrutura que rege a comunicação: o Estado, os grandes grupos econômicos, os organismos produtores (Daltro, 2019).

**O autor**

Não existe aquele que não tem nada, basta procurar no particular

(Lahire, p. 10, 1997).

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO</b>  | <b>4</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>7</b>  |
| <b>CAPÍTULO I</b>  | <b>10</b> |
| AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NA ESCOLARIZAÇÃO DIGITAL DOS ALUNOS<br>DAS CLASSES POPULARES | 10        |
| <b>CAPÍTULO II</b>   | <b>20</b> |
| A EDUCAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO DA DESIGUALDADE SOCIAL E DA<br>EDUCAÇÃO INCLUSIVA           | 20        |
| <b>CAPÍTULO III</b>  | <b>36</b> |
| TECNOLOGIA DIGITAL E UNIVERSIDADE  | 36        |
| <b>CAPÍTULO IV</b>   | <b>45</b> |
| TRILHAS, TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS  | 45        |
| <b>CAPÍTULO V</b>  | <b>51</b> |
| AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO<br>DA COMUNICAÇÃO    | 51        |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b>  | <b>57</b> |
| <b>SOBRE O AUTOR</b>   | <b>58</b> |

## INTRODUÇÃO

---

A construção desse projeto de livro eletrônico tem como justificativa o curso de Especialização em Educação Digital da Unidade Acadêmica de Educação Digital (UNEAD), realizado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2022, e tem por objetivo geral descrever de forma autobiográfica as experiências e trajetórias durante as etapas do curso de especialização, com relatos de cada trilha, na interação com o trabalho de equipe e elaboração dos trabalhos científicos dos tfts (artigo, capítulo de e-book, paper e memorial), analisando e avaliando os resultados positivos e negativos durante o curso.

Como objetivo específico pretendeu-se discutir os conceitos e fundamentação teórica que cercam as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), analisando as tensões e conflitos existentes no interior do campo das tecnologias digitais da educação, principalmente com relação à tomada de posição ascendente dos agentes escolares que defendem a necessidade de aparelhar o ensino, sob a influência externa de outros campos sociais, notadamente o campo econômico e o campo político.

Na busca do campo da educação ou do campo das tecnologias digitais da educação, o projeto do e-book traz um questionamento sobre a existência ou não de um campo das tecnologias digitais na educação. No mundo social e simbólico da educação é possível a formação de forças contrárias, de lutas, disputas e polarização no interior desse campo?

Na problematização do tema e na hipótese elaborada acreditamos que não existe essa polarização, ou seja, essa formação do campo dualista só é possível com a existência de posições contrárias no interior do campo em questão, assim como pensa o sociólogo francês Pierre Bourdieu, seguindo a lógica da física newtoniana, que desenvolve-se como um campo de forças, numa polarização que se repelem e cujas regras de relações sociais são estabelecidas no campo do poder, como num jogo onde um jogador ganha e o outro perde (Bourdieu, 1996).

A posição ascendente no campo da educação ou no campo da tecnologia digital da educação é perpassada pela subordinação estrutural da teoria idealista, que no avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), cerca-se de todo um discurso desenvolvimentista, amplamente



divulgado pelos órgãos internacionais e nacionais, UNESCO, OCDE, UE, CIEB, UNEAD, etc. seguindo a lógica do poder e da dominação do campo político e do campo econômico (Trilha 1, E- book, 2020).

Não existe até o momento uma posição “pura” no interior do campo das tecnologias digitais da educação. Para isso é preciso existir uma ação praxiológica no mundo social contrária ao discurso dominante, uma tomada de posição que leve em consideração o contexto social das pessoas e classes sociais que vivem despossuídas de alguma forma de capital econômico, capital social, capital cultural, e onde o processo do ensino e aprendizagem não seja de péssima qualidade e de exclusão social (Daltro, 2022).

No período da pandemia do Covid 19, em 2021, que devastou o mundo social e econômico, a educação no mundo inteiro teve de se adaptar a um modelo de educação à distância, mais conhecido como ensino remoto, que visualizou a realidade contraditória entre países ricos e países pobres, no uso das tecnologias digitais da educação. À distância e a diferença do contexto social, político e econômico entre ricos e pobres no processo de ensino e aprendizagem é alertado por alguns teóricos do curso de especialização (Trilha 3, 2020).

Construir uma posição “pura” ou autônoma, livre das influências mercadológicas do mundo moderno das tecnologias digitais é acreditar em uma educação para todos sem distinção de classes, cujo objetivo final seja a valorização do ser humano, num sentido coletivo e comunitário.

O entendimento do tempo e do espaço dos países ricos e desenvolvidos é distinto e diferenciado da lógica temporal e espacial dos países pobres e em desenvolvimento (Daltro, 2023).

Com base nos trabalhos realizados durante o curso de especialização buscou-se aprofundar essas questões sintetizando os conteúdos dos componentes das trilhas curriculares sobre o contexto das sociedades tecnológicas, educação digital, competências digitais e tecnologias da informação e comunicação no processo do ensino e aprendizagem com a elaboração do memorial acadêmico que serviu de base para a formação do portfólio final do curso.

O livro está dividido em 05 capítulos, todos interligados e versando sobre o processo tecnológico digital na educação. No primeiro capítulo, desigualdades educacionais na escolarização digital dos alunos

das classes populares, traz uma crítica aos fundamentos teóricos e metodológicos da especialização, no segundo capítulo, educação digital e educação inclusiva, fala das necessidades especiais dos estudantes frente à expansão da sociedade tecnológica, no terceiro capítulo, analisa a relação da educação digital com a universidade, em termos de gestão tecnológica e participação universitária, no quarto capítulo trilhas, trajetórias e experiências, trazem os relatos dos alunos do curso de especialização, das dificuldades e integração nas atividades coletivas realizadas, no quinto e último capítulo, o campo científico e o estudo do campo da comunicação analisa a autonomia dos campos teóricos sociais.

A metodologia empregada teve como base o trabalho qualitativo na revisão bibliográfica e no estudo descritivo das trajetórias e experiências desenvolvidas durante o curso de especialização em educação digital, como o uso do computador, notebook, celular, internet, sites, redes sociais, e outras modalidades de tecnologias digitais da informação e comunicação, a fim de adquirir as habilidades e competências exigidas cada vez mais no ambiente de sala de aula, na troca constante de informações e conhecimentos entre professores e alunos.

# AS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS NA ESCOLARIZAÇÃO DIGITAL DOS ALUNOS DAS CLASSES POPULARES

## INTRODUÇÃO

O Artigo apresentado faz parte do Curso de Especialização em Educação Digital – Formação de Professores: As contradições sociais na escolarização digital dos alunos das classes populares – realizado na Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UNEAD), em 2022, sob a orientação do Professor Laercio Pedro Torres de Góes, no componente da disciplina tft 02, da Especialização em Educação Digital da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Com mais de vinte anos trabalhando a pesquisa sobre as origens camponesas no Brasil (a trajetória social de trabalhadores rurais, o capital social acumulado), veio-me a necessidade de mudar o objeto de estudo, desta vez com enfoque no campo da comunicação, para atender a proposta do Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC, no Departamento de Educação (DEDC), Campi I da UNEB, Salvador, onde atuei como professor do quadro permanente do mestrado por cinco anos, entre os anos de 2010 a 2015, atuando na análise dos processos sociais tecnológicos e gestão educacional.

Minha experiência em pesquisa nessa área, relacionando a mídia e a escola, aproxima-se do grupo de pesquisa cuja tendência é a contestação aos meios de comunicação, levando em conta, em maior ou menor grau, as questões de dominação do campo econômico. O sujeito do processo de comunicação mediática, na visão de Pierre Bourdieu e seus colaboradores, deixam de ser o indivíduo e passa a ser a estrutura que rege a comunicação: o Estado, os grandes grupos econômicos, os organismos produtores (Daltro, 2019).

Isso se refere ao campo da comunicação, como explica Miranda sobre os meios de comunicação de massa, que, em si mesmo, só

oferece um conteúdo tecnológico. Na sua visão, o interesse social que faz dos meios de comunicação de massa objeto de estudos decorre do seu uso, determinado pelas condições sociais, políticas e econômicas das formações sociais em que se inserem (Miranda, 2005).

Decorre daí o nosso interesse em escrever esse artigo, cujo objetivo geral, é discutir os conceitos e fundamentação teórica que cercam as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC), no Curso de Especialização em Educação Digital, principalmente com relação às posições dominantes dos agentes escolares, no interior do campo da educação, que defendem a necessidade de aparelhar o ensino, sob a influência externas de outros campos sociais, notadamente o campo econômico e o campo político.

Neste cenário de posições diferenciadas e conflitivas, a tendência dominante envolve um discurso econômico desenvolvimentista que condicionou nos últimos vinte anos o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TIC), no contexto naquilo que se tem denominado de Sociedade do Conhecimento ou da Informação pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO, 2014).

O procedimento metodológico envolvido nessa pesquisa tem como referência o método qualitativo, realizado através da revisão bibliográfica e documental, resultado de anos de investigação com publicações em revistas, capítulos de livros, e-book, sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação – TIC, citados no corpo desse artigo.

## **A EDUCAÇÃO E A DISTINÇÃO DE CLASSES**

Apesar da iniciativa do governo do Estado da Bahia, através da UNEAD, em oferecer gratuitamente um curso de especialização em educação digital para cerca de cinco mil alunos, na modalidade à distância, ainda assim, está longe de uma política pública em educação de qualidade, que possa alcançar a maioria dos estudantes, de acordo com os altos índices de evasão escolar no Estado.

No Curso de Especialização em Educação Digital da UNEAD, os componentes curriculares do curso, em sua grande maioria, afirmam o discurso da UNESCO, fazendo referências às pedagogias do “aprender a aprender” e a sociedade do conhecimento, em um contexto social de um mundo moderno ou talvez pós-moderno, em que as nações e povos terão de se adaptarem em outras palavras, se

modernizarem as maravilhas do mundo tecnológico digital, também propagado na educação, sem considerar a distinção social entre as classes.

Sim, você já deve ter descoberto! Com esta estrutura da disciplina busquei reproduzir os “4 pilares da Educação para o século 21” proposto pela UNESCO. Considero que o movimento dessas distintas aprendizagens – nesta e em todas as demais disciplinas deste curso – permita o seu domínio pleno da Educação Digital, tão exigida neste momento do mundo Kenski, (2020).

Em todas essas Unidades você poderá seguir três instâncias de ações para a sua completa aprendizagem do aprender a aprender. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (idem).

Mas, entretanto, considerando o referencial teórico do programa de educação digital da UNEAD/UNEB, que privilegiam os argumentos das estratégias da pedagogia do aprender a aprender e da chamada sociedade do conhecimento, para a substituição do ensino presencial para o ensino digital, autores como Moreira (2020), Castells (2013), Bauman (2019), entre outros, chamam atenção para o fracasso da mudança desses paradigmas, quando não são levados em conta às contradições sociais de uma sociedade pobre e desigual, e para que a educação digital não se constitua como um meio de inclusão social e de exclusão social das camadas populares da sociedade brasileira, que são os pobres das periferias e do campo rural.

Recentemente, em função da pandemia do COVID-19 toda essa realidade hiperconectada, que resulta da ecologia de rede, compreendida como as relações entre indivíduos, biodiversidade, técnica, informação e território, se tornou mais evidente, assim como as desigualdades entre aqueles que possuem acesso e aqueles aos quais isso é negligenciado. No campo da educação, no que se refere ao acesso, à situação parece ser ainda mais grave, na medida em que essa desigualdade resultou na paralisação dos processos de ensino e de aprendizagem, em muitos países economicamente desfavorecidos ou ainda, acabou criando realidades distintas, entre os que possuem acesso e, portanto, deram continuidade ao seu processo educacional e, aqueles com dificuldade de acesso e, portanto, que se foram posicionando na periferia do processo numa zona de exclusão, com consequências imprevisíveis e, em muitas situações, sem possível retorno. O que isso pode representar no futuro ainda não sabemos, mas temos a convicção

de que se não existirem políticas de apoio, que fomentem o acesso às tecnologias e à conectividade a todos os cidadãos, será um futuro difícil onde a tecnologia digital, irá assumir, como já assume, simultaneamente, o papel de agente inclusivo e exclusivo (Moreira, 2020, p. 105).

“(…) o espaço do investimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação em fio com o espaço dos lugares” (CASTELLS, 2013, p. 160), na interação entre territórios geográficos físicos e virtuais, o movimento associativo entre on-line e off-line que modifica e reconstrói a esfera pública e que se organiza em rede (Castells, *apud* Crissi Knuppel, 2020, p. 9).

No artigo de (Duarte, 2014), sobre as pedagogias do “aprender a aprender” e a sociedade do conhecimento, são fortes os argumentos a favor do autor do texto e contra as pedagogias do “aprender a aprender”. Para ele a pedagogia do aprender a aprender se traduz na reestruturação produtiva da sociedade em escala mundial, na qual o indivíduo é obrigado a adaptar – se às mudanças altamente reflexivas:

O autor do texto aprofunda essas ideias a partir do pensamento de Vigotski, considerado o pai da psicologia sócio histórica, no livro intitulado “Vigotski e o aprender a aprender: críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigotskiana” (Duarte, 2001), em que o autor descreve os fundamentos da pedagogia do aprender a aprender a partir da leitura de dois documentos da área educacional: o relatório da UNESCO, relativo à educação em âmbito mundial conhecido como relatório Jacques Delors, e o segundo, o capítulo “princípios e fundamentos dos parâmetros curriculares nacionais”, do volume I, Introdução, dos PCN das séries iniciais do ensino fundamental. (Duarte, 2014).

Os dois documentos analisam a educação escolar no âmbito das mudanças ocorridas no processo da reestruturação produtiva da economia capitalista mundial, da globalização e da sociedade do conhecimento e informação.

A pedagogia do aprender a aprender ou pedagogia das competências se relaciona com a sociedade do conhecimento a partir dos princípios e fundamentos pedagógicos focalizados em quatro posicionamentos valorativos contidos no lema “aprender a aprender”.

No texto, o autor conclui que as pedagogias do aprender a aprender pertencem a um universo ideológico carregado de ilusões acerca da sociedade do conhecimento. Cita cinco ilusões:

1.O acesso ao conhecimento é para todos: 2.A habilidade de mobilizar conhecimento é mais importante que o próprio conhecimento; 3.O conhecimento não é a realidade social, mas as interfaces intersubjetivas negociadas entre os indivíduos: 4.Os conhecimentos têm o mesmo valor, quanto a sua qualidade e poder de explicação da realidade; 5.O bom exemplo, seja individual, ou seja, coletivo significa muito mais na superação dos grandes problemas da humanidade. (Duarte, 2014)

Para aprofundar esse debate sobre as contradições existentes no programa do curso de especialização digital, oferecido pela UNEAD/UNEB em 2022, estão explícitos nos próprios conteúdos do componente curricular em Gestão da Educação Digital, ministrado pela professora Ilka Marcia Ribeiro de Souza Serra, que cita autores como Boaventura Souza Santos, António Nóvoa, entre outros, que aprofundam as críticas quanto à sociedade do conhecimento, quando colocadas de maneira contundente contra o discurso pragmático e privatizante da educação pública.

Primeiro, destaca-se a análise do sociólogo português sobre as reformas das universidades públicas para atender as exigências do mercado, transformando a educação superior em uma mercadoria. Segundo, a visão profunda do Professor Antônio Nóvoa, sobre as relações entre universidade e tecnologia digital:

As ideias que presidem à expansão futura do mercado educacional são as seguintes: 1. Vivemos numa sociedade de informação. A gestão, a qualidade e a velocidade da informação são essenciais à competitividade económica. Dependentes da mão-de-obra muito qualificada, as tecnologias de informação e de comunicação têm a característica de não só contribuírem para o aumento da produtividade, mas também de serem incubadoras de novos serviços onde a educação assume lugar de destaque. Como é fácil de ver, todas estas ideias traduzem o mundo à luz da realidade dos países centrais. Por exemplo, a fratura digital entre o Norte e o Sul mostra que o modo como vive a grande maioria da população mundial não tem nada a ver com a sociedade de informação. 2. A economia baseada no conhecimento exige cada vez mais capital humano como condição de criatividade no uso da informação, de aumento de eficiência na economia de serviços e ainda como condição de empregabilidade, uma vez que quanto mais elevado for o capital humano, maior é a sua capacidade para transferir capacidades cognitivas e aptidões nos constantes processos de reciclagem a que a nova economia obriga. 3. Para sobreviver, as universidades têm de estar ao serviço destas duas ideias mestras – sociedade de informação e economia baseada no conhecimento – e para isso têm de ser elas próprias transformadas por dentro, por via das tecnologias da informação e da comunicação e dos novos tipos de gestão e de relação entre trabalhadores de conhecimento e entre estes e os utilizadores ou consumidores. Santos citado por Serra, 2020, (p. 20).

Precisamos reequilibrar as nossas prioridades e, acima de tudo, levantar as bandeiras essenciais da universidade: a autonomia, a independência, a participação, a liberdade e o futuro. Não podemos aceitar uma “pequena autonomia”, medrosa, medíocre, controlada pelas administrações ou pelas avaliações. Não podemos tornar-nos dependentes de poderes de fora, económicos ou políticos. Não podemos ceder a uma “governança” contra a participação. Não podemos aceitar, em nenhuma circunstância, a diminuição

da nossa liberdade de pensamento, de ciência e de palavra. Não podemos fechar-nos num presente apressado que nos desvia da responsabilidade pelo futuro. Nóvoa citado por Serra, 2020, (p. 20).

Vivemos essa dicotomia do mundo digital e o analógico que nos leva a seguinte reflexão: Existe espaço no campo da educação brasileira para analisar as tecnologias aplicadas à educação? Quais são as especificidades políticas e econômicas do campo da educação? Como são as relações de forças no interior deste campo? É possível a formação e acumulação de capital cultural em termos das tecnologias da educação? Podemos falar em autonomia do espaço da educação digital em relação ao campo da educação brasileira?

Procurando contribuir para o avanço dos estudos nessa área, vários estudos apontam nessa direção, que existe sim essa polarização particularmente, ao que se refere ao campo da comunicação, sobre o jornalismo, a televisão, a internet e mais recentemente, as tecnologias aplicadas à educação, como mostram os estudos de autores como Daltro (2017), Miranda (2005), Morduchowicz (2004), Barros Filho & Martino (2003), Martín-Barbero (1997), García Canclini (1984), entre outros, que analisam a relação de forças no interior do campo social em estudo. (Daltro, 2019).

Existe uma relação de homologia entre os campos sociais. Para Bourdieu (1997), assim como para outros autores, em relação ao campo da comunicação, existe um espaço social real transpassado pelo campo do poder. De acordo com Miranda (2005, p. 148), existe sim o campo de comunicação como um espaço social real onde ocorrem as lutas por posições no interior desse campo, mesmo considerando a perda da autonomia do jornalismo e da sua integração à televisão, ambos controlados pelo mercado e pelo campo econômico.

Alguns questionamentos, no entanto, são colocados quando se referem à perda da autonomia desses campos, da despolíticação e do empobrecimento intelectual e cultural da população mundial, principalmente quando se fala nas relações de forças entre os agentes, que atuam na mídia em geral, e particularmente, em relação às tecnologias da educação.

Na concepção de Morduchowicz (2004), seguindo essa linha de pesquisa, quanto mais sofisticado o capital cultural de uma pessoa, mais preparada estará para encontrar os significados plurais nos discursos, nos textos e nas informações que se produzem e circulam na sociedade, e que tanto incidem



em sua visão de mundo. Na sua visão, os meios de comunicação e mais recentemente, as novas tecnologias, formam parte desse capital cultural. O modo em que as pessoas constroem o saber, a forma como aprendem e a maneira como conhecem são afetadas pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias aplicadas à educação.

O capital cultural dos jovens, diz Roxana Mourduchowicz, "os filhos de hoje", pais, avós e professores, dizem, "não são como antes." E eles têm razão. As crianças de hoje não são como costumavam ser, entre outras coisas, porque a sua vida diária é muito diferente hoje. Crianças menores de 18 anos são a primeira geração a ter conhecimento desde a infância de um universo mediático extremamente diversificado (AM e FM), canais de TV (aberto e a cabo), vídeo, jogos, vídeo cassete, DVD, Internet. (Mourduchowicz, 2004).

Na concepção de Martín-Barbero (1997, p. 300-301), os hábitos de classe atravessam os usos da televisão, os modos de ver, e se manifestam na organização do tempo e do espaço cotidianos: de que espaços as pessoas veem televisão: privados ou públicos? de casa, do bar da esquina, do clube do bairro? E que lugar ocupa a televisão na casa: central ou marginal? Preside a sala onde se leva a vida social, ou se refugia no quarto de dormir? Ou, ainda, esconde-se no armário, de onde a retiram apenas para ver algo muito especial.

O espaço da reflexão sobre o consumo é o espaço das práticas cotidianas enquanto lugar de interiorização muda da desigualdade social, desde a relação com o próprio corpo até o uso do tempo, o habitat e a consciência do possível para cada vida, do alcançável e do inatingível. O consumo não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentimentos: lugar de uma luta que não se restringe à posse dos objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem demandas, dispositivos de ação provenientes de diversas competências culturais. (Martín-Barbero, 1997).

Por fim, o conceito de capital cultural, moeda corrente nos estudos de educação brasileira, mas que em termos de ensino e aprendizagem, é oferecido de forma desigual aos alunos nas escolas, com o objetivo de esconder as ideologias das classes dominantes.

No artigo “As contradições sociais na formação do habitus escolar dos alunos dos cursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) na Bahia” (Daltro, 2012), revela o processo de exclusão social daqueles que não adquirem o capital cultural distribuído na escola:

Nessas relações, os educandos provenientes de famílias desprovidas de capital cultural apresentarão uma relação com as obras de cultura veiculadas pela escola que tende a ser, laboriosa, tensa, esforçada, enquanto para os indivíduos originários de meios culturalmente privilegiados, essa relação está marcada pelo diletantismo, desenvoltura dos alunos, a escola leva em conta, sobretudo - consciente ou inconscientemente - esse modo de aquisição e uso do saber ou, em outras palavras, essa relação com o saber. (Daltro, 2012).

Para concluir, voltamos ao curso de especialização em educação digital para repetir Moreira (2020), um dos expoentes maior desse curso, que ao falar das maravilhas das tecnologias digitais e indispensáveis para o mundo de hoje, repete sempre em seus discursos em prol das tecnologias digitais da informação e comunicação, que isso por si só não basta, é necessário investimentos pesados em educação:

O que isso pode representar no futuro ainda não sabemos, mas temos a convicção de que se não existirem políticas de apoio, que fomentem o acesso às tecnologias e à conectividade a todos os cidadãos, será um futuro difícil onde a tecnologia digital, irá assumir, como já assume, simultaneamente, o papel de agente inclusivo e exclusivo. (Moreira & Schlemmer, 2020, p. 105).

## CONCLUSÃO

Espero que o presente artigo possa se constituir em uma contribuição, ainda que modesta, para o desenvolvimento da pesquisa na área do campo da comunicação e do estudo da educação digital, com novas questões e indagações, sobre a autonomia do campo das tecnologias digitais da educação, ainda em formação.

Por maior que seja a vontade dos organizadores e coordenadores do curso de especialização promovido pela UNEAD, acreditamos que possam ser aprimorados os conteúdos dos componentes curriculares do curso, dando menos ênfase aos discursos pragmáticos da sociedade do conhecimento e da pedagogia do aprender a aprender. Existem autores mais críticos e comprometidos com a realidade precária do ensino público, seja presencial ou digital, no Brasil e particularmente no Estado da Bahia.

Portanto, esse é o nosso intuito em promover um debate sobre o campo da educação e das tecnologias digitais na educação, livre da influência de outros campos, em busca de autonomia para a

construção de uma posição “pura” ou mais comprometida com os valores do campo científico, da norma culta, etc., dos agentes escolares, envolvidos com as práticas do ensino e aprendizagem, seja na educação presencial ou digital, promovendo a aquisição do capital cultural, como forma de inclusão social, dos alunos das classes sociais mais pobres, excluídos do processo escolar do ensino público do nosso Brasil.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- FILHO, Clóvis de Barros; MARTINO, Luís Mauro Sá. O habitus na comunicação. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_. Coisas Ditas. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Sociologues des mythologies et mythologies de sociologues. In: Les Temps Modernes, Paris, n. 211, p. 998-1021, 1963.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. Réponses – pou une anthropologie reflexive. Paris: Ed. Du Seul, 1992.
- CASTELLS, Manoel. Educação em Rede, RJ, Editora Paz e Terra, 2013.
- CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediática. In: Pierre Bourdieu, A Miséria do Mundo, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2011.
- CRISSI, KNUPPEL. M. A. Sociedade Tecnológica, Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- DALTRO, Renato Ribeiro, CATANI, Afrânio Mendes. As possibilidades de análise da noção de campo social e o estudo do campo da comunicação, PR, Atenas Editora, 2017, p. 320.
- \_\_\_\_\_. Renato Ribeiro. As possibilidades de análises do campo científico e o estudo do campo da comunicação, PR, Atenas Editora, 2019, p. 199.
- \_\_\_\_\_. Renato Ribeiro. As Contradições Sociais na Formação do Habitus Escolar dos Alunos do Movimento Ceta nos Cursos do PRONERA. IN: Educação e Contemporaneidade: Contextos e Singularidades, Junior, Arnaud Soares Lima (org.), Salvador, Editora EDUFBA, 2012.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Gramsci com Bourdieu. Hegemonia, consumo y nuevas formas de organizacion popular. Nueva Sociedad, Nro. 71, p. 69-78Marzo – Abril de 1984.
- DUARTE, Newton. Vigotski e o “aprender a aprender” crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas das teorias vigotskianas. Campinas, SP, Autores Associados, 2000.
- KENSKI, V. M. Sociedade Tecnológica: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação – (TDIC), Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- BARBERO, - Jesús Martins. Dos meios às mediações Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- LAHIRE, Bernard. Sucesso Escolar nos Meios Populares. São Paulo, Editora Ática, p. 04. 1972.

- MIRANDA, Luciano. Pierre Bourdieu e o Campo da Comunicação. Por uma teoria da comunicação praxiológica. Porto Alegre, Editora EDIPUCRS, 2005, p. 9-193.
- MORDUCHOWICZ, Roxana. El capital cultural dos jovens. Editora Fundo de Cultura Econômica, 2004. Buenos Aires.
- MOREIRA, José António. Educação Digital, por um paradigma de educação digital (em rede), Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- MOREIRA, José António & SCHLEMMER, Elaene. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. Revista UFG. 20 (26), 1-35. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>
- SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação Digital, Gestão da Educação Digital, Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- UNESCO. Enfoques estratégicos sobre las TIC em educación em América Latina y el Caribe. Publicado em 2014 por La Organización de Lãs Naciones Unidas para La Educación, La Ciencia y La Cultura 7, place de Fontenoy, 753552 París 07 SP, Francia y La Oficina regional de Educación para América Latina y El Caribe (OREALC/UNESCO/Santiago).

# A EDUCAÇÃO DIGITAL NO CONTEXTO DA DESIGUALDADE SOCIAL E DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

## INTRODUÇÃO

O crescente avanço da tecnologia é notável nas últimas décadas. Sendo cada vez mais acelerado e em busca de novos recursos que superem os que já existem atualmente, ou seja, há uma crescente demanda por ferramentas e aparatos tecnológicos diferenciados que proporcionem uma aprendizagem significativa de forma a melhorar não apenas os índices educacionais, mas a vida de todos os envolvidos no processo educacional.

Dessa forma, recursos que antes eram considerados futuristas, hoje estão presentes no nosso dia a dia, tais como: internet, transações bancárias em celulares, biometria e reconhecimento facial como recursos de segurança, entre outros.

Toda a sociedade tem se adaptado gradualmente a essas tecnologias, uma vez que sua criação é para facilitar o dia a dia e esses avanços se expandiram para todas as áreas, inclusive a Educação. Através de tablets, computadores, celulares e outros dispositivos é possível transmitir aulas, compartilhar dados, realizar pesquisas e interagir com diversas pessoas. Estes recursos tecnológicos aliados ao domínio de diversas estratégias pedagógicas, indiscutivelmente proporciona maiores experiências educacionais.

As Tecnologias de Informação e Comunicação, denominadas como TICs, proporcionam aos alunos uma participação ativa e autônoma na construção do conhecimento e com o apoio do professor como mediador nesse processo, a aprendizagem torna-se mais significativa e o estudante sente-se motivado a buscar novos conhecimentos e experiências. Assim como para a sociedade em geral, há diversos benefícios das TICs no campo educacional, isso acontece porque as tecnologias oferecem o domínio de novas habilidades e fomentam a compreensão da realidade atual.

Entretanto, sabe-se que há desigualdades sociais e nem todos possuem recursos e acessos às tecnologias de modo igualitário, milhões de estudantes vivem completamente isolados digitalmente, além

disso, o abismo se torna ainda maior entre a rede pública e a rede privada de ensino. Há também a questão de habilidades e capacitação, em que um aluno que convive diariamente com recursos tecnológicos terá maior familiaridade para manuseá-lo em relação a outro que terá o seu primeiro contato na escola. Além desses fatores precisamos considerar os alunos com deficiência, que apesar de terem sua matrícula prevista pela Constituição Federal (1988) sabemos que existe um abismo entre o que a está previsto em Lei e a realidade da maioria das escolas brasileiras.

Diante do exposto o Curso de Especialização em Educação Digital da Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UNEAD), em 2021 ofereceu a oportunidade para 5 mil inscrições na modalidade (EaD), permitindo o acesso ao conhecimento sobre tecnologias digitais na educação, mas um curso enviesado por um discurso de mudanças no ambiente de sala de aula, que é criticado por autores conceituados nessa área de conhecimento. (Daltro, 2022, p. 4).

À hipótese trabalhada nesse documento de pesquisa tem sido aquilo que mais se destaca nas bibliografias sobre educação digital para os países pobres, ou seja, a falta de política pública, com investimentos econômicos e culturais que atendam firmemente a formação escolar de milhares de estudantes e professores dos países em desenvolvimento, como no caso do Brasil.

Sem isso, acreditamos ser impossível acompanhar o desenvolvimento tecnológico dos países ricos, onde o tempo e o espaço de mudança na educação são distintos em número e grau dos continentes assolados pela miséria e a fome.

O procedimento metodológico envolvido nessa pesquisa tem como referência o método qualitativo, sustentado na argumentação teórica realizada através da revisão bibliográfica e documental do trabalho de grupo, utilizando constantemente das ferramentas digitais, internet, Whatsapp e redes sociais, para atender os objetivos gerais e específicos do curso de especialização em educação digital promovido pela Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UNEAD).

A estrutura do trabalho de pesquisa, em forma de artigo, está subdividido em três partes, no primeira parte com o subtítulo educação digital, analisa o desenvolvimento tecnológico, os seus avanços e retrocessos para as sociedades pobres, na segunda parte abordamos as desigualdades sociais perante as tecnologias digitais na educação, alertando para a exclusão social de milhares de estudantes e professores

nos países em desenvolvimento e na terceira parte tratamos da educação inclusiva, que envolve a educação especial e os cuidados específicos em termos de política pública da educação digital, para essa área do conhecimento.

## **EDUCAÇÃO DIGITAL**

A utilização do computador, celulares e notebooks como instrumento de aprendizagem e sua ação no meio social vem aumentando de forma rápida entre nós. Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças estruturais e funcionais frente a essa nova tecnologia.

Entre as diversas abordagens propostas nos últimos anos sobre a “informática na educação”, é importante desenvolver um duplo olhar sobre a utilização de softwares educativos: o olhar epistemológico, que visa compreender as características do conhecimento informatizado, e o olhar didático, que procura discutir as implicações que estas reflexões sobre o conhecimento teriam para a educação, particularmente no que diz respeito ao uso de recursos informatizados nas escolas e a necessidade de alfabetização tecnológica tanto para os alunos como para os professores, e uma mudança de atitude e de comportamento especialmente dos docentes:

Pois, torna-se evidente que os espaços escolares estão passando por grandes mudanças com a inserção das novas tecnologias e que os professores precisam acompanhar essas mudanças para que não se tornem obsoletos, ou seja, presos a metodologias de ensino tradicionais que não despertam o interesse do discente. E como a escola foi criada com o propósito de sanar as exigências da sociedade, não reconhecer as mudanças do mundo moderno é continuar preso há um passado cujo método de ensino não consegue atender as demandas exigidas pelo atual sistema educacional. (Kenski, 2020).

O principal objetivo, defendido hoje, ao adaptar a informática ao currículo escolar, está na utilização do computador como instrumento de apoio às matérias e aos conteúdos se lecionados, além da função de preparar os alunos para uma sociedade informatizada. Dessa forma, conceber a informática como apenas uma ferramenta é ignorar sua atuação em nossas vidas, é desconhecer essa tendência tecnológica, do qual fazemos parte. Por isso, ao levarem a informática para as escolas não é prazerosa que ela fique circunscrita em uma sala, presa em um horário fixo e sob a responsabilidade de um único

professor, pois assim cerceiam todo o processo de desenvolvimento da escola como um todo e perdem a oportunidade de fortalecer o processo pedagógico.

Além disso, as tecnologias da informação e comunicação - TICs oferecem uma ampla possibilidade de opções de recursos e ferramentas para inovar a prática pedagógica em sala de aula, principalmente durante a pandemia do COVID 19 (MOREIRA, 2020, p, 105), que está obrigando todas as pessoas a se reinventarem. Com isso, fica claro que quem dispuser de mais brilhantismo em suas metodologias, já sairá na frente dessa corrida tecnológica que beneficia tanto aluno como professor, por isso, é imprescindível a utilização de todas as modalidades de recursos e ferramentas disponíveis, principalmente o celular, já que praticamente a grande maioria dos alunos dispõe de um. Sendo assim, a escola não pode negar aos alunos, o direito aos recursos tecnológicos, considerando que esses, fazem parte do dia a dia deles, e os utilizam para realizar uma infinidade de tarefas.

Como se sabe, as TICs oferecem uma ampla oportunidade didática aos professores, além de proporcionar dinamismo nas aulas, fazendo com que ela deixe de ser entediante e sem significado. Portanto, não podemos permitir que a informática seja utilizada apenas como uma disciplina, pois, a globalização impõe exigências de um conhecimento holístico da realidade. E quando a informática é colocada como disciplina, fragmenta o conhecimento e delimitam fronteiras, tanto de conteúdo como de prática.

A organização curricular das disciplinas coloca-as como realidades estanques, sem interconexão alguma, dificultando para os alunos a compreensão do conhecimento como um todo integrado, a construção de uma cosmovisão abrangente que lhes permita uma percepção totalizante da realidade. (Gallo, 1994).

Sendo assim, a função da informática seria de promover a interdisciplinaridade ou, até mesmo, a transdisciplinaridade na escola.

Nesse ponto, Borba enfatiza que:

O acesso à informática deve ser visto como um direito e, portanto, nas escolas públicas e particulares o estudante deve poder usufruir de uma educação que no momento atual inclua, no mínimo, uma 'alfabetização tecnológica'. Tal alfabetização deve ser vista não como um curso de informática, mas, sim, como um aprender a ler essa nova mídia. Assim, o computador deve estar inserido em atividades essenciais, tais como aprender a ler, escrever, compreender textos,



entender gráficos, contar, desenvolver noções espaciais etc. E, nesse sentido, a informática na escola passa a ser parte da resposta a questões ligadas à cidadania. (Borba, 2001).

Dessa forma, percebe-se uma fundamental relevância para os acadêmicos dos cursos de licenciatura e o professorado em geral, no sentido de que há de se ter uma interessante reflexão sobre a introdução da informática no cenário educacional enfatizando a importância deste recurso como um apoio aos lecionados.

A União Europeia (UE) e outras instituições internacionais, apesar de todo o avanço tecnológico na educação, reconhecem que sem um investimento maior em formação digital para professores e estudantes nos países periféricos, ou sem considerar o contexto social dos países pobres, o risco será muito grande em desinformação e falta de aprendizagem digital, possibilitando ao invés da inclusão social, a exclusão social de milhares de estudantes e professores nesse processo de desenvolvimento tecnológico.

No Curso de Especialização em Educação Digital da UNEAD, os componentes curriculares do curso, em sua grande maioria, afirmam o discurso da UNESCO, fazendo referências às pedagogias do “aprender a aprender” e a sociedade do conhecimento, em um contexto social de um mundo moderno ou talvez pós-moderno, em que as nações e povos terão de se adaptarem em outras palavras, se modernizarem as maravilhas do mundo tecnológico digital, também propagado na educação, sem considerar a distinção social entre as classes. (Daltro, 2022).

Na elaboração desse artigo vamos aprofundar essas críticas mostrando as contradições sociais entre esses parâmetros de modernização, mas enfatizando o contexto social ao qual esse sistema digital é trazido de fora, do exterior, de caráter neoliberal e mercadológico, desenvolvendo aqui novas formas de evolucionismo e neoevolucionismo.

(...) à medida que a evolução ocorre, os organismos têm de tornar-se cada vez mais sofisticados, não para adquirirem uma vantagem competitiva, mas apenas para se manterem vivos enquanto os outros organismos presentes no sistema evoluem constantemente e se tornam mais competitivos. (Dias – Trindade, 2020).

Para tanto, com base em uma metodologia qualitativa e na revisão bibliográfica, queremos aprofundar as análises sobre os conteúdos da União Europeia, analisando o pensamento de autores críticos a esse sistema, tais como Moreira, Boa Ventura Souza Santos, Manoel Castells, Bauman, entre outros (Daltro, 2022, p. 04), que tratam mais especificamente da educação digital, frente ao discurso fora

da curva de tais instituições modernizadoras da educação superior, que dentro de uma lógica de controle do tempo e espaço, promovem as mudanças estruturais da educação pelo mundo todo, promovendo os países ricos com políticas e investimentos tecnológicos digitais, mas dentro de um caráter empresarial típico dos mercados capitalistas.

Essas inovações tecnológicas, na visão crítica desses autores, aumentam a velocidade das mudanças de paradigmas, com acesso cada vez maior da população ao ensino, mas voltada para a empregabilidade onde os países pobres não conseguem fazer as mudanças com a agilidade que o tempo e o espaço exigem, sem considerar a falta de investimento e de políticas públicas as populações desassistidas do básico, para sobreviver.

Os inúmeros textos que, desde o início do século XXI, vêm preconizando a reforma das universidades é reflexo desta evolução. É uma literatura extensa que atravessa os relatórios internacionais (União Europeia, OCDE, Banco Mundial), as associações de universidades (European University Association, International Association of Universities), fundações e think tanks e, acima de tudo, os programas e planos estratégicos das universidades Nóvoa *apud* Dalto, 2023, (p. 04).

## **DESIGUALDADES SOCIAIS**

Na atualidade, pode-se dizer que a educação vive um conflito; existe uma busca incessante em se adaptar as transformações que o mundo sofre, especialmente em se tratando da era da nova revolução industrial, a qual desenvolve no ser humano uma nova maneira de pensar e agir.

A educação à distância e as conjunturas da pandemia acresceram ainda mais as disparidades entre alunos abastados e pobres. É o que exhibe um estudo efetivado por pesquisadores do Insper e que foi apresentado ao Conselho Nacional de Educação, em 26 de janeiro.

No Curso de Especialização em Educação Digital da UNEAD, os componentes curriculares do curso, em sua grande maioria, afirmam o discurso da UNESCO, fazendo referências às pedagogias do “aprender a aprender” e a sociedade do conhecimento, em um contexto social de um mundo moderno ou talvez pós-moderno, em que as nações e povos terão de se adaptarem em outras palavras, se

modernizarem as maravilhas do mundo tecnológico digital, também propagado na educação, sem considerar a distinção social entre as classes.

Sim, você já deve ter descoberto! Com esta estrutura da disciplina busquei reproduzir os “4 pilares da Educação para o século 21” proposto pela UNESCO. Considero que o movimento dessas distintas aprendizagens – nesta e em todas as demais disciplinas deste curso – permita o seu domínio pleno da Educação Digital, tão exigida neste momento do mundo. Kenski, apud Daltro, 2022. (p. 04).

Em todas essas Unidades você poderá seguir três instâncias de ações para a sua completa aprendizagem do aprender a aprender. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (idem).

Mas, entretanto, considerando o referencial teórico do programa de educação digital da UNEAD/UNEB, que privilegiam os argumentos das estratégias da pedagogia do aprender a aprender e da chamada sociedade do conhecimento, para a substituição do ensino presencial para o ensino digital, autores como Moreira (2020), Castells (2013), entre outros, chamam atenção para o fracasso da mudança desses paradigmas, quando não são levados em conta às contradições sociais de uma sociedade pobre e desigual, e para que a educação digital não se constitua como um meio de inclusão social e de exclusão social das camadas populares da sociedade brasileira, que são os pobres das periferias e do campo rural.

Recentemente, em função da pandemia do COVID-19 toda essa realidade hiperconectada, que resulta da ecologia de rede, compreendida como as relações entre indivíduos, biodiversidade, técnica, informação e território, se tornou mais evidente, assim como as desigualdades entre aqueles que possuem acesso e aqueles aos quais isso é negligenciado. No campo da educação, no que se refere ao acesso, à situação parece ser ainda mais grave, na medida em que essa desigualdade resultou na paralisação dos processos de ensino e de aprendizagem, em muitos países economicamente desfavorecidos ou ainda, acabou criando realidades distintas, entre os que possuem acesso e, portanto, deram continuidade ao seu processo educacional e, aqueles com dificuldade de acesso e, portanto, que se foram posicionando na periferia do processo numa zona de exclusão, com consequências imprevisíveis e, em muitas situações, sem possível retorno. O que isso pode representar no futuro ainda não sabemos, mas temos a convicção de que se não existirem políticas de apoio, que fomentem o acesso às tecnologias e à conectividade a

todos os cidadãos, será um futuro difícil onde a tecnologia digital, irá assumir, como já assume, simultaneamente, o papel de agente inclusivo e exclusivo. (Moreira, 2020).

“(…) o espaço do investimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação em fio com o espaço dos lugares” (CASTELLS, 2013, p. 160), na interação entre territórios geográficos físicos e virtuais, o movimento associativo entre on-line e off-line que modifica e reconstrói a esfera pública e que se organiza em rede. Castells, apud Crissi Knuppel, 2020, (p. 9).

A educação à distância e as conjunturas da pandemia cresceram ainda mais as disparidades entre alunos abastados e pobres. É o que exibe um estudo efetivado por pesquisadores do Insper e que foi apresentado ao Conselho Nacional de Educação.

O texto diz exatamente o que necessitamos para alcançar o sucesso e tornar as aulas mais prazerosas, transformando o ensino diário em uma aventura marcante para os alunos, empregando métodos práticos e criativos a fim de atraí-los ao conteúdo proposto.

Infelizmente, ainda em pleno século XXI, é possível visualizar uma defasagem no ritmo da aplicação das metodologias ativas implantadas nas áreas escolares, pouco mudou na maneira de ensinar, há uma cavidade entre o professor, a instrução e o educando e a impressão do docente é de não estar sendo envolvente ou também se sentir frustrado ao entender uma classe pouco homogênea após uma aula ministrada.

Por mais que estejamos vivenciando alunos nascidos em uma era totalmente tecnológica, ainda assim é possível vislumbrar alguns aquém das mesmas, com situações financeiras abaixo da linha da pobreza, sem condições de adquirir algum recurso que contribuirá com o seu avanço nesse sentido.

As políticas públicas precisam avançar no sentido de contribuir com crianças e jovens em idades escolares a se desenvolverem adequadamente e conseguirem alcançar um nível de estudo e conhecimentos sem defasagens uma vez que vivemos em um período competitivo da história.

A saber, “43% dos jovens brasileiros de 15 a 29 anos disseram que cogitaram desistir dos estudos por dificuldades financeiras ou de acesso ao ensino remoto. Em junho de 2020, esse índice era de 28%” (Geema) do IESP –UERJ.

No texto de Nóvoa (2019, p. 57), chama atenção para as mudanças que ocorrem na educação, destacando o caráter mercadológico propagado pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs),

ao mesmo tempo, que discuti ir além, analisando uma educação para o século XXI, voltada para a formação humanista de professores e estudantes.

De forma direta e consciente Nóvoa (2021), constrói um movimento de crítica a essa estratégia de modernização das universidades e do ensino superior, afirmando que o tempo de mudança está preso aos interesses do mercado e do consumo, que exigem um tempo imediato, uma gestão empresarial cujos resultados quantitativos são referências avaliativas no sentido da contabilidade, da prestação de contas do presente imediato.

A empregabilidade empurra a universidade para o tempo curto da preparação profissional, da inserção na “vida activa”. A excelência impõe uma produção académica incessante, alimentando a vã glória daqueles que, num só ano, fabricam dezenas de papers. A empresarialização exige resultados imediatos, mensuráveis, palpáveis. O empreendedorismo joga-se num tempo agitado, instantâneo. (Nóvoa, 2019, p. 58).

Em Portugal, há vários anos que as políticas procuram orientar a escolha dos cursos pelos estudantes com base em critérios de empregabilidade. Em muitos países vai-se ainda mais longe, como no Reino Unido ou no Japão, procurando reservar o financiamento público apenas para os cursos do acrónimo STEM (Science, Technology, Engineering, Mathematics). Recentemente, ao lançar uma nova agenda em prol do ensino superior, a Comissão Europeia insiste nesta ideia, acrescentando apenas, entre parêntesis um (A), de Artes, pois “a interação entre as STEM e a arte e design é um motor substancial da inovação e da criatividade”. Ajeitam-se os acrónimos para tornar certas ideologias mais atraentes e credíveis. (Nóvoa, 2019).

O texto analisa o papel da universidade nesse processo de mudança abrupta no desenvolvimento tecnológico, considerando 04 pontos fundamentais para compreensão para o futuro da universidade do futuro: empregabilidade, excelência, empresarialização, empreendedorismo.

O discurso gestor, da pressa, da eficiência, do rendimento, nunca poderá compreender este sentido de participação, sem o qual não há universidade. Nada substitui o tempo da participação, da procura, da hesitação, do erro, do encontro. Sem diálogo não há pedagogia, nem educação, nem universidade. (Nóvoa; AMANTE, 2015).

Para conseguirmos fazer algo em comum, precisamos do tempo necessário, seja o tempo da elaboração das perguntas para as quais vamos procurando respostas, seja o tempo da investigação de um problema que nos leva à busca de novos conhecimentos. (Nóvoa, 2019).

O autor ao combater essa inércia no campo político e econômico, para tanto, sugere um movimento mais amplo de mudança que se fazem necessários ao futuro das universidades e do ensino superior: Da empregabilidade à educação geral, da excelência ao gesto pedagógico, da empresarialização ao sentido de comunidade, do empreendedorismo à responsabilidade pública.

O futuro do ensino superior passa pelo enriquecimento em comum do pensamento e do trabalho na educação e na ciência. Na educação, através de uma pedagogia que se abre ao exterior, que se liga, capilarmente, ao mundo do trabalho e da cultura. Na ciência, através do reforço da ciência aberta, ao serviço do público, e da cultura científica, elementos centrais da democracia e da liberdade. As universidades são lugares da participação, de um sentido de comunidade que não se confunde nem com fechamento nem com corporativismo. É um comum que vem da diferença e da abertura, de um trabalho em comum dentro e fora das instituições. (Nóvoa, 2021).

Em suma, visualizamos um cenário indesejável em se tratando das desigualdades sociais no aspecto estudantil dos alunos, as políticas públicas devem ser revistas em se tratando desse aspecto para que mais estudantes adquiram recursos tecnológicos para que avancem com a mesma qualidade no ensino quanto os demais de classes mais privilegiadas.

Assim, os professores devem iniciar o processo de ativação de suas metodologias no contexto da sala de aula para que impulsionem os alunos ao sucesso.

Para concluir esse capítulo, voltamos ao curso de especialização em educação digital para repetir Moreira (2020), um dos expoentes maior desse curso, que ao falar das maravilhas das tecnologias digitais e indispensáveis para o mundo de hoje, repete sempre em seus discursos em prol das tecnologias digitais da informação e comunicação, que isso por si só não basta, é necessário investimentos pesados em educação.

O que isso pode representar no futuro ainda não sabemos, mas temos a convicção de que se não existirem políticas de apoio, que fomentem o acesso às tecnologias e à conectividade a todos os cidadãos,

será um futuro difícil onde a tecnologia digital, irá assumir, como já assume, simultaneamente, o papel de agente inclusivo e exclusivo (Moreira & Schlemmer, 2020, p. 105).

Daí a necessidade de repensarmos as políticas educacionais e o contexto cultural a qual estamos inseridos, pois as desigualdades tornaram-se ainda mais acentuadas durante a pandemia. Pois a maioria das escolas públicas, além de não possuir recursos que possibilitasse a continuidade das atividades escolares mediante as tecnologias os professores sentiam-se despreparados para a nova realidade, já que muitos deles apesar de utilizarem alguns recursos tecnológicos não os utilizavam como recursos pedagógicos.

Isso “(...) acabou criando realidades distintas, entre os que possuem acesso e, portanto, deram continuidade ao seu processo educacional e, aqueles com dificuldade de acesso e, portanto, que se foram posicionando na periferia do processo numa zona de exclusão”. (MOREIRA & SCHLEMMER, 2020, p. 105). E essa exclusão não se reflete apenas nos índices de evasão escolar e no baixo rendimento educacional, mas nas altas taxas de desempregados. Que por não conseguirem se adaptarem a nova realidade do mercado de trabalho vivem as margens da sociedade, realidade que só pode ser mudada quando as pessoas tiverem acesso igualitário às tecnologias que circundam o mundo e a um processo educacional que as permitam crescerem e se desenvolverem.

## **EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A educação é considerada a principal ferramenta no processo de construção e modificação da sociedade, assim as práticas desenvolvidas em cada período histórico se refletem nas práticas educacionais atuais, por esse motivo as pessoas que tinham alguma necessidade especial receberam diversos tratamentos ao longo do tempo.

Mas para que as pessoas com necessidades especiais tivessem seus direitos garantidos foram necessários muitos anos de luta, e à medida que a sociedade começou a se mobilizar através dos movimentos internacionais, várias políticas e legislações surgiram com o intuito de trazer mudanças no atendimento às pessoas com alguma necessidade especial, assim a inclusão passou ser entendida como “o processo de garantia do acesso imediato e contínuo da pessoa com necessidades especiais ao espaço

comum da vida em sociedade, independentemente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento apresentado” (Aranha, 2000, p.13).

No Brasil, o processo de inclusão começou no período colonial e desenvolveu-se lentamente, à medida que os movimentos internacionais ganharam força a sociedade brasileira começou a se mobilizar no sentido de garantir efetivamente a igualdade de direito para as pessoas com alguma necessidade especial, começou-se a desenvolver políticas públicas que atendessem as necessidades dessas pessoas. Com a Declaração Mundial de Educação para Todos, a Declaração de Salamanca e vários outros documentos que surgiram conforme a sociedade evoluiu, foi garantido o direito das pessoas com alguma deficiência frequentarem o ensino regular, com a promulgação da LDB ficou estabelecido, apoiados na Constituição Federal de 1998, critérios que concretizassem a participação e a integração social e escolar de todos os seres humanos visando seu bem estarem.

A Constituição Federal de 1988 representa um verdadeiro marco na história brasileira, pois assegura entre outros princípios o da igualdade. Nos artigos 206, inciso I e no artigo 208, inciso III da Constituição Federal é garantindo o direito a inclusão, pois determina a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola”, bem como o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. O debate sobre o atendimento das pessoas com algum tipo de necessidade especial no ensino regular tornou-se ainda mais intenso com a promulgação da LDB em 1996, pois pretendia garantir que todos tivessem acesso à educação e a escola. Em relação à formação dos professores, em seu artigo III, a LDB recomenda que sejam “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas salas comuns”.

A partir do movimento mundial pela educação inclusiva, surgiram vários documentos visando garantir o “direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação”. (BRASIL, 2008, p. 05), dentre eles destacamos o ECA, a Declaração Mundial de Educação para Todos, a Declaração de Salamanca, a Política Nacional de Educação Especial, a LDB, os Parâmetro Curricular Nacional (PCN), dentre várias Portarias, todos estes documentos afirmam que todas as pessoas possuem direitos iguais e, portanto pessoas com necessidades especiais não devem ser



excluídas do processo educacional, mas asseguram que alunos com deficiência tenham acesso a recursos e métodos didáticos que atendam suas necessidades produzindo novas perspectivas em suas vidas. Para Mantoan e Prieto (2006):

O objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora de aprendizagem. Nesse caso, as limitações dos sujeitos devem ser consideradas apenas como uma informação sobre eles, que, assim, não pode ser desprezada na elaboração dos planejamentos de ensino. A ênfase deve recair sobre a identificação de suas possibilidades, culminando com a construção de alternativas para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social, enfim, para que se tornem cidadãos de iguais direitos. Mantoan e Prieto, 2006, (p. 40)

Dessa forma, trabalhar com a educação inclusiva requer que todos da escola atuem conjuntamente, e o primeiro passo tanto para docentes como gestores é conhecer a necessidade do educando e aceitar as limitações dos discentes, não se prendendo ao que o mesmo não consegue alcançar, mas nas habilidades que o indivíduo consegue desenvolver.

A partir desse conhecimento o professor precisa ser sensível e planejar cuidadosamente suas aulas visando à integração destes estudantes. Pois,

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (Brasil, 1997)

Para auxiliar nesse processo, a educação digital é uma das ferramentas que pode ser utilizada para proporcionar a inclusão de alunos com deficiência na sala regular e melhorar o desempenho geral da turma, pois ao sair dos padrões convencionais, a aprendizagem ganha novas conotações o que torna o ambiente escolar atrativo e conseqüentemente favorece a aprendizagem tornando-a mais significativa. Mas para que isso aconteça é necessário,

que os alunos ganhem autonomia em relação as suas próprias aprendizagens, que consigam administrar seus tempos de estudo, que saibam selecionar os conteúdos que mais lhes interessam, que participem das atividades, independentemente do horário local em que estejam. A grande revolução no ensino não se dá apenas pelo uso mais intensivo do computador e da internet em sala de aula ou em atividades à distância. É preciso que se organizem novas experiências pedagógicas em que as TICs possam ser usadas em processos cooperativos de aprendizagem,

em que se valorizem o diálogo e a participação permanentes de todos os envolvidos no processo (Kenski, 2007).

Neste contexto, o professor assume um papel ainda mais importante, o de facilitador/mediador da aprendizagem em ambientes virtuais, e para que essa aprendizagem não se perca apenas na manipulação dos aparatos digitais, é preciso que o mesmo busque estratégias pedagógicas que possibilitem os discentes adquirirem novas competências e habilidades de forma a organizar seus estudos de maneira eficiente fazendo uma seleção das informações obtidas em suas pesquisas.

E a escola por ser um ambiente mediador que promove desenvolvimento de habilidades e da construção de conhecimentos, precisa estar ciente que,

(...) não basta estar na frente de uma tela, (...), para superar uma situação de inferioridade. É preciso, antes de mais nada, estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço (Levy, 1999).

Entretanto, para a implementação efetiva dessa proposta em sala de aula é preciso que a barreira da desigualdade seja superada e que os desafios da educação digital sejam vistos como oportunidade de aprimorar a inclusão educacional. É preciso que a Educação Especial não seja apenas interesse da família, de profissionais da educação, e entidades que lutam por essa causa, mas de toda a sociedade. Pois a educação inclusiva não se refere apenas na aceitação de alunos com necessidades especiais no ensino regular, mas na consolidação de seus direitos, assegurando sua cidadania.

## **CONCLUSÃO**

Para tanto, conclui-se que a era tecnológica chegou para ficar, e que dia após dia cada professor precisa aprimorar os seus conhecimentos e desenvolvê-los ao ponto de dominarem com eficácia os mesmos para que possam mediar os conhecimentos de maneira relevante.

Assim sendo, faz-se necessário atualizações nas políticas públicas em se tratando de ampliar os recursos tecnológicos nas instituições, contribuindo assim, para o avanço das aprendizagens nesse âmbito.

Por maior que seja a vontade dos organizadores e coordenadores do curso de especialização digital promovido pela UNEAD, acreditamos que possam ser aprimorados os conteúdos dos componentes curriculares do curso, dando menos ênfase aos discursos pragmáticos da sociedade do

conhecimento e da pedagogia do aprender a aprender. Existem autores mais críticos e comprometidos com a realidade precária do ensino público, seja presencial ou digital, no Brasil e particularmente no Estado da Bahia (Daltro, 2022).

O curso de especialização em educação digital traz essa duplicidade entre ser objetivo e subjetividade, ou seja, ao mesmo tempo, que revela o caminho da mudança analógica para digital, permite através da leitura dos componentes curriculares, à reflexão crítica dessas mudanças, abrindo assim a possibilidade de um diálogo e de um entendimento na nossa formação e especialização nessa área de conhecimento tão vital para o futuro da educação nos países pobres e muito distantes das realidades dos países ricos.

Os profissionais da educação precisam ser qualificados para que tenham eficiência em suas metodologias e ocorra a inclusão educacional, sem que haja prejuízos por parte dos educandos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ARANHA, M. S. F. Inclusão Social. In: E. J. Manzini (Org.) Educação Especial: Temas Atuais. Unesp. Marília-Publicações, 2000.
- BORBA, Marcelo C.; PENTEADO, Miriam Godoy. Informática e Educação Matemática – coleção tendências em Educação Matemática. Autêntica, Belo Horizonte, 2001.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da União: Brasília, 1988.
- \_\_\_\_\_. Lei Brasileira de Inclusão - Lei 13146/2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em 08 janeiro de 2023.
- CASTELLS, Manoel. Educação em Rede, RJ, Editora Paz e Terra, 2013.
- DALTRO, Renato Ribeiro. As Contradições sociais na escolarização digital dos alunos das classes populares na Bahia. UNEAD/UNEB, 2022.
- \_\_\_\_\_. Renato Ribeiro. O futuro da educação digital para todos. UNEAD/UNEB, 2023.
- DIAS-TRINDADE, S. Competências Digitais, Trilha 3, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- GALLO, Sílvio. Educação e Interdisciplinaridade; Impulso, vol. 7, nº16. Piracicaba: Ed. UNIMEP, p. 157-163, 1994.
- <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/desigualdade-educacional-estudo-revela-impactos-ensino-remoto-alunos-mais-pobres-escolas-publicas/> Disponível na plataforma Nexos Políticas Públicas [bit.ly/3g[URiO)].

- KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.
- \_\_\_\_\_. Sociedade Tecnológica: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação – (TDIC), Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Revista Brasileira de Educação, v.11, n.33, 2006.
- MOREIRA, José António & SCHLEMMER, Elaene. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. Revista UFG. 20 (26), 1-35. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 05 de março de 2023.
- \_\_\_\_\_. Educação Digital, por um paradigma de educação digital (em rede), Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- NÓVOA, António. O Futuro da Universidade: O maior risco é não ariscar. Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 29, jan/abril. 2019. 58 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i29.21710>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.
- NÓVOA, António; AMANTE, Lúcia. Em busca da liberdade: a pedagogia universitária do nosso tempo. Revista de Docencia Universitaria, v. 13, n. 1, p. 21-34, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5027834.pdf>. Acessado em: 22 de fevereiro de 2023.
- SANCHES, I. Do aprender para fazer ao aprender fazendo: as práticas de educação inclusiva na escola. Revista Lusófona de Educação, 19, p. 135-156, 2011.
- SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação Digital, Gestão da Educação Digital, Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- UNESCO. Enfoques estratégicos sobre las TIC em educación em América Latina y el Caribe. Publicado em 2014 por La Organización de Las Naciones Unidas para La Educación, La Ciencia y La Cultura 7, place de Fontenoy, 753552 París 07 SP, Francia y La Oficina regional de Educación para América Latina y El Caribe (OREALC/UNESCO/Santiago).

---

# TECNOLOGIA DIGITAL E UNIVERSIDADE

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho com o título, Tecnologia Digital e Universidade para Todos, tem como objetivo geral contribuir com o debate sobre as tecnologias aplicadas à educação num contexto social caracterizado pela desigualdade social, que atinge as camadas das populações mais pobres e desassistidas do processo de mudança social tecnológica,

O desenvolvimento das tecnologias e das competências digitais ocorre em pleno século XXI, em todas as áreas do conhecimento, particularmente no campo da educação, envolvendo toda a complexidade do uso dessas tecnologias digitais, em termos de competências digitais e domínio de tais ferramentas por professores e estudantes, no processo do ensino e aprendizagem.

No curso de especialização digital procuramos analisar na Trilha 3, os componentes curriculares das disciplinas competências digitais, competências digitais na educação e tft 3, cuja tarefa é a elaboração de um pequeno artigo em formato de paper, analisando a importância cada vez maior da importância do uso das Tecnologias (TDIC), divulgadas pela União Europeia e outras instituições internacionais e reproduzidas aqui pela Unidade de Ensino à Distância (UNEAD) e pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Para tanto, com base em uma metodologia qualitativa e revisão bibliográfica, faremos a análise dos conteúdos da União Europeia, (DigCamp, DigCampEd), refletindo o pensamento crítico do professor português António Nóvoa, através do texto: O Futuro da Universidade: O maior risco é não ariscar, publicado em 2019, que trata mais especificamente do ensino superior, frente às mudanças modernizadoras da universidade.

O texto do (Nóvoa 2019) analisa o papel da universidade nesse processo de mudança abrupta no desenvolvimento tecnológico, considera 04 pontos fundamentais para compreensão do futuro da universidade, além da empregabilidade, excelência, empresarização e empreendedorismo.

A nossa preocupação na elaboração deste paper, está em aprofundar as críticas dirigidas ao programa das competências digitais no curso de especialização, não no sentido de negá-las, mas de problematizá-las considerando o tempo e o espaço necessários de cada realidade social, de cada universidade ampliando e aprofundando a discussão da autonomia universitária para uma educação que vai além da formação tecnológica, e voltada para o desenvolvimento humano, como afirma o autor, considerando a educação para todos, uma pedagogia com sentido comunitário de fazer educação e do papel político do Estado em promover uma educação responsável e de qualidade.

## **COMPETÊNCIA DIGITAL**

Nesse artigo procuramos fazer uma análise do componente curricular da Trilha 3 (competências digitais, Competências digitais na educação, tft 3), do curso de especialização em Educação Digital, promovido pela Unidade de Ensino à Distância (UNEAD), onde são disseminados os conteúdos ideológicos da modernização do ensino no mundo inteiro, encampado pela União Europeia, UNESCO, OCDE, entre outras instituições dos países centrais da Europa e também dos países em desenvolvimento (UNEAD), que enfatizam de forma quase arbitrariamente, a necessidade de adaptação dos indivíduos aos acontecimentos do desenvolvimento tecnológico e inovação, não só na economia mundial, mas em toda e qualquer atividade da sociedade moderna, seja ela altamente desenvolvida, seja ela em desenvolvimento ou estado de miséria absoluta.

Assim continuaremos a desenvolver a hipótese iniciada no componente curricular da Especialização, Trilha 2 (Educação digital, Gestão na educação digital, TFT 2), no capítulo para o E-book, com o título *As Contradições Sociais na Escolarização digital dos alunos das classes sociais populares*, que faz sérias críticas ao programa do curso de especialização educação digital da UNEAD e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desde o seu viés ideológico aos problemas de viabilização do curso a distância, como problemas na execução das tarefas, calendário das disciplinas, inviabilidade dos trabalhos de grupos, falta de orientadores, falta de apoio tutorial, etc.

No Curso de Especialização em Educação Digital da UNEAD, os componentes curriculares do curso, em sua grande maioria, afirmam o discurso da UNESCO, fazendo referências às pedagogias do

“aprender a aprender” e a sociedade do conhecimento, em um contexto social de um mundo moderno ou talvez pós-moderno, em que as nações e povos terão de se adaptarem em outras palavras, se modernizarem as maravilhas do mundo tecnológico digital, também propagado na educação, sem considerar a distinção social entre as classes (Daltro, 2022).

Por maior que seja a vontade dos organizadores e coordenadores do curso de especialização promovido pela UNEB, acreditamos que possam ser aprimorados os conteúdos dos componentes curriculares do curso, dando menos ênfase aos discursos pragmáticos da sociedade do conhecimento e da pedagogia do aprender a aprender. Existem autores mais críticos e comprometidos com a realidade precária do ensino público, seja presencial ou digital, no Brasil e particularmente no Estado da Bahia. (Daltro, 2022).

## **UNIVERSIDADE DIGITAL**

Na elaboração do paper vamos aprofundar essas críticas mostrando as contradições sociais entre esses parâmetros de modernização, mas enfatizando o contexto social ao qual esse sistema digital é trazido de fora, do exterior, de caráter neoliberal e mercadológico, desenvolvendo aqui novas formas de evolucionismo e neoevolucionismo.

[...] à medida que a evolução ocorre, os organismos têm de tornar-se cada vez mais sofisticados, não para adquirirem uma vantagem competitiva, mas apenas para se manterem vivos enquanto os outros organismos presentes no sistema evoluem constantemente e se tornam mais competitivos (DIAS-TRINDADE, 2020).

Para tanto, com base em uma metodologia qualitativa e bibliográfica, queremos aprofundar as análises sobre os conteúdos da União Europeia, com base no pensamento do Nóvoa (2019), que trata mais especificamente do ensino superior, frente ao discurso fora da curva de tais instituições modernizadoras da educação superior, que dentro de uma lógica de controle do tempo e espaço, promovem as mudanças estruturais da universidade pelo mundo todo, promovendo os países ricos com políticas e investimentos tecnológicos digitais, mas dentro de um caráter empresarial típico dos mercados capitalistas, com inovações tecnológicas que aumentam a velocidade das mudanças de paradigmas, com acesso cada vez maior da população a universidade, mas voltada para a empregabilidade onde os países

pobres não conseguem fazer as mudanças com a agilidade que o tempo e o espaço exigem, sem considerar a falta de investimento e de políticas públicas as populações desassistidas do básico, para sobreviver.

Os inúmeros textos que, desde o início do século XXI, vêm preconizando a reforma das universidades é reflexo desta evolução. É uma literatura extensa que atravessa os relatórios internacionais (União Europeia, OCDE, Banco Mundial), as associações de universidades (European University Association, International Association of Universities), fundações e think tanks e, acima de tudo, os programas e planos estratégicos das universidades (Nóvoa, 2019, p. 57).

De forma direta e consciente Nóvoa (2021), constrói um movimento de crítica a essa estratégia de modernização das universidades e do ensino superior, afirmando que o tempo de mudança está preso aos interesses do mercado e do consumo, que exigem um tempo imediato, uma gestão empresarial cujos resultados quantitativos são referências avaliativas no sentido da contabilidade, da prestação de contas do presente imediato.

A empregabilidade empurra a universidade para o tempo curto da preparação profissional, da inserção na “vida activa”. A excelência impõe uma produção académica incessante, alimentando a vã glória daqueles que, num só ano, fabricam dezenas de papers. A empresarialização exige resultados imediatos, mensuráveis, palpáveis. O empreendedorismo joga-se num tempo agitado, instantâneo (Nóvoa, 2019, p. 58).

Em Portugal, há vários anos que as políticas procuram orientar a escolha dos cursos pelos estudantes com base em critérios de empregabilidade. Em muitos países vai-se ainda mais longe, como no Reino Unido ou no Japão, procurando reservar o financiamento público apenas para os cursos do acrónimo STEM (Science, Technology, Engineering, Mathematics). Recentemente, ao lançar uma nova agenda em prol do ensino superior, a Comissão Europeia insiste nesta ideia, acrescentando apenas, entre parêntesis um (A), de Artes, pois “a interação entre as STEM e a arte e design é um motor substancial da inovação e da criatividade” (2017, p. 6). Ajeitam-se os acrónimos para tornar certas ideologias mais atraentes e credíveis (Nóvoa, 2019, p.59).



O texto do Nóvoa (2019) analisa o papel da universidade nesse processo de mudança abrupta no desenvolvimento tecnológico, considerando 04 pontos fundamentais para compreensão para o futuro da universidade do futuro: empregabilidade, excelência, empresarialização, empreendedorismo.

O discurso gestor, da pressa, da eficiência, do rendimento, nunca poderá compreender este sentido de participação, sem o qual não há universidade. Nada substitui o tempo da participação, da procura, da hesitação, do erro, do encontro. Sem diálogo não há pedagogia, nem educação, nem universidade (Nóvoa 2015).

Para conseguirmos fazer algo em comum, precisamos do tempo necessário, seja o tempo da elaboração das perguntas para as quais vamos procurando respostas, seja o tempo da investigação de um problema que nos leva à busca de novos conhecimentos (Nóvoa, 2019).

O autor combater essa inércia no campo político e econômico, para tanto, sugere um movimento mais amplo de mudança que se fazem necessários ao futuro das universidades e do ensino superior: Da empregabilidade à educação geral, da excelência ao gesto pedagógico, da empresarialização ao sentido de comunidade, do empreendedorismo à responsabilidade pública.

O futuro do ensino superior passa pelo enriquecimento em comum do pensamento e do trabalho na educação e na ciência. Na educação, através de uma pedagogia que se abre ao exterior, que se liga, capilarmente, ao mundo do trabalho e da cultura. Na ciência, através do reforço da ciência aberta, ao serviço do público, e da cultura científica, elementos centrais da democracia e da liberdade. As universidades são lugares da participação, de um sentido de comunidade que não se confunde nem com fechamento nem com corporativismo. É um comum que vem da diferença e da abertura, de um trabalho em comum dentro e fora das instituições (Nóvoa, 2021).

Precisamos reequilibrar as nossas prioridades e, acima de tudo, levantar as bandeiras essenciais da universidade: a autonomia, a independência, a participação, a liberdade e o futuro. Não podemos aceitar uma “pequena autonomia”, medrosa, medíocre, controlada pelas administrações ou pelas avaliações. Não podemos tornar-nos dependentes de poderes de fora, econômicos ou políticos. Não podemos ceder a uma “governança” contra a participação. Não podemos aceitar, em nenhuma circunstância, a diminuição

da nossa liberdade de pensamento, de ciência e de palavra. Não podemos fechar-nos num presente apressado que nos desvia da responsabilidade pelo futuro.

Essas são palavras do autor, que traduzidas para o nosso cotidiano fala de um tempo ausente das universidades públicas brasileiras, federais, estaduais, municipais, que sucateadas parecem paradas no tempo e no espaço, atreladas aos interesses políticos partidários de uma esquerda caviar, que mascaram o desenvolvimento universitário a um discurso hegemônico de mudança.

Na verdade, esse movimento de mudança desenvolve uma prática de desmobilização acadêmica, sem tempo para o diálogo com o estudante, pois o tempo útil é gasto nas reuniões partidárias, nas associações de classes, com o único objetivo de se auto promover, através da instigação de um certo capital político, mistificado de militância acadêmica, que transformado em capital científico, se resume na busca de cargos de direção de departamentos, colegiados e outras instancias gestoras, mas nada de sala de aula.

Essa é a realidade das universidades estaduais da Bahia (UNEB), sem produção científica, sem ensino, sem autonomia universitária, são atreladas a governos, que na verdade só tem uma única preocupação, que é a de se manter no poder, através de políticas populistas e de enganação a população, principalmente essa massa de indivíduo que tem como única causa à luta diária e imediata pela sobrevivência ou a luta contra a fome que bate as suas portas:

No Departamento de Ciências Humanas da UNEB, Campus IX de Barreiras, foi desenvolvido o projeto Vivências na interação cultural, artístico e religioso, envolvendo a participação da Casa dos Idosos e de outras agências de representação popular. Na sua totalidade, o projeto Vivências teve alguns problemas de execução. Algumas questões foram levantadas sobre a execução do projeto Vivências, entre elas, a questão que relacionava a situação de vulnerabilidade da UNEB, em função da campanha eleitoral para reitor (2014-2018), quando os espaços acadêmicos e universitários foram tomados por situação de disputas e posições políticas transpassadas por interesses diversos, conflitos diversos e tão distantes da sonhada autonomia universitária da UNEB (Daltro, 2013).

## **CONCLUSÃO**

É tempo de não cedermos às urgências do presente e de nos concentrarmos nas urgências do futuro, são palavras de (Nóvoa), e é assim que eu resumo os meus 35 anos de vida universitária como professor de sociologia, (Daltro, 2022), insistindo na luta pela autonomia universitária, autonomia do ensino e da ciência. Uma relação de cooperação com outros campos do conhecimento, mas sem a dominação massacrante do discurso político, econômico que cada vez domina tudo.

Faço das minhas palavras, as palavras do Nóvoa (2019), e de outros pensadores que refletem a mudança universitária e das tecnologias aplicadas à educação, Moreira, Castells, Sousa, entre outros, no sentido de procurarmos não mudar apenas no que vem de fora, mas que sejam capazes de estar à frente do seu tempo, de ver mais longe, de influenciar as realidades externas. As universidades têm de se adaptarem, e muito, se não quiserem tornar-se insignificantes ou irrelevantes, mas num tempo e num espaço nosso, do nosso contexto social, e que priorize os anseios e subjetividades, e não somente a objetividade em si.

O curso de especialização em educação digital da UNEAD/UNEB traz essa duplicidade entre objetividade e subjetividade, ou seja, ao mesmo tempo em que revela o caminho da mudança analógica para digital, permite através dos textos dos componentes curriculares, à reflexão crítica dessas mudanças, abrindo assim a possibilidade de um diálogo e de um entendimento na nossa formação e especialização nessa área de conhecimento tão vital para o futuro da universidade nos países pobres e muito distantes das realidades dos países ricos, “Para isso, é necessário ter a coragem da mudança, sabendo que o maior risco é não ariscar” (Nóvoa, 2019).

A universidade tem de ser o lugar para pensar o que não é possível pensar noutros lugares. É esta a marca da sua distinção. E tem de ser, também, o lugar para dialogar com a vida das pessoas e a humanidade, bem como com os grandes temas da tecnologia e da sociedade. A universidade tem de alimentar o aparentemente “inútil” a fim de antecipar e abrir novas perspectivas, pelo pensamento e pela participação, pela ciência e pela tecnologia. É esta a sua principal responsabilidade pública (Nóvoa, 2019).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- COMISSÃO EUROPEIA. Comunicação da comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu. Realizar uma nova agenda da modernização das universidades: ensino, investigação e inovação. Bruxelas, 2006.
- COMPETÊNCIA DIGITAL: a competência vital do século XXI para professores e alunos. SchoolEducationGateway, 2020. Disponível em: . Acesso em 21 abril 2022.
- CRISSI, KNUPPEL. M. A. Sociedade Tecnológica, Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- DALTRO, Renato Ribeiro. As Contradições sociais na escolarização digital dos alunos das classes populares na Bahia. UNEAD/UNEB, 2022.

- \_\_\_\_\_. Renato Ribeiro. Às possibilidades de análises do campo científico e o estudo do campo da comunicação, PR, Atenas Editora, 2019, p. 199.
- \_\_\_\_\_. Renato Ribeiro. A pesquisa participante na interação com o programa de Extensão “Vivências da UNEB”, I Seminário de metodologias participativas, “perspectivas e desafios da pesquisa-ação e extensão em comunidades”, 2013, (digitalizado).
- DIAS-TRINDADE, S. Competências Digitais, Trilha 3, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- FIALHO, Nadia Hage. Você Sabe o que É um Paper. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2013 (Texto para discussão em sala de aula).
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. L'irréversible et la nostalgie. Paris: Flammarion, 1974.
- KENSKI, V. M. Sociedade Tecnológica: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação – (TDIC), Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- MANSELL, R.; TREMBLAY G. UNESCO. Renovando a visão das sociedades do conhecimento para a paz e o desenvolvimento sustentável. Tradução: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação sob os auspícios da UNESCO. São Paulo, 2015. Disponível em <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/renovandoa-visao-das-sociedades-do-conhecimento-para-a-paz-e-odesenvolvimento-sustentavel.pdf>. Acesso 28 abr. 2021.
- MOREIRA, José António. Educação Digital, por um paradigma de educação digital (em rede), Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- MOREIRA, José António & SCHLEMMER, Elaene. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. Revista UFG. 20 (26), 1-35. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>.
- NÓVOA, António. O Futuro da Universidade: O maior risco é não ariscar. Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 29, jan/abril. 2019. 58 <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i29.21710>.
- NÓVOA, António; AMANTE, Lúcia. Em busca da liberdade: a pedagogia universitária do nosso tempo. Revista de Docencia Universitaria, v. 13, n. 1, p. 21-34, 2015.
- SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação Digital, Gestão da Educação Diigital, Trilha 02, Salvador, Unead/Uneb, 2020.
- UNESCO. Enfoques estratégicos sobre las TIC em educación em América Latina y el Caribe. Publicado em 2014 por La Organización de Lãs Naciones Unidas para La Educación, La Ciencia y La Cultura 7, place de Fontenoy, 753552 Paris 07 SP, Francia y La Oficina regional de Educación para América Latina y El Caribe (OREALC/UNESCO/Santiago).
- UNESCO. As pedras angulares para a promoção de sociedades do conhecimento inclusivas. Publicado em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França. Disponível em <https://nic.br/media/docs/publicacoes/1/>

as-pedras-angulares-para-a-promo%C3%A7%C3%A3o-desociedades-do-conhecimento-inclusivas.pdf. Acesso 27 abr. 2021.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso em 21 abr. 2021.

RICOEUR, Paul. Trois ripostes à la crise universitaire. Le Monde. Paris, 17 jan. 1969.

\_\_\_\_\_. Lectures I. Paris: Éditions du Seuil, 1991. SERRES, Michel. C'était mieux avant! Paris: Éditions Pommier, 2017.

## **TRILHAS, TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS**

### **INTRODUÇÃO**

O artigo elaborado em forma de memorial traz a seguinte estrutura de texto na sua composição: título do trabalho de acordo a temática sobre a desigualdade educacional no uso das TDIC, introdução, sumário dos relatos das trajetórias e experiências das trilhas desenvolvidas no curso, considerações finais e referências bibliográficas.

A elaboração do primeiro capítulo do e-book tem por objetivo geral descrever de forma autobiográfica as experiências e trajetórias durante as etapas do curso de especialização, com relatos de cada trilha, na interação com o trabalho de equipe e elaboração dos trabalhos científicos dos tfts (artigo, capítulo de e-book, paper e memorial), analisando e avaliando os resultados positivos e negativos durante o curso.

Na Trilha 1 - Sociedade Tecnológica foi elaborada uma atividade avaliativa em forma de artigo científico, com a equipe 938, na reoferta do componente curricular com 04 participantes, dentro da temática sobre a desigualdade social e educação inclusiva dos estudantes das classes pobres e orientação do professor Gilson Alves de Santana.

O presente trabalho constitui uma reflexão crítica do ensino ministrado dentro das instituições escolares brasileiras refletindo-o sobre diversos aspectos tais como o modelo de avaliação aplicado, a introdução de novas tecnologias na docência, o caráter tradicionalista, a precariedade em que se encontram as instituições escolares, as mais adversas condições de trabalhos as quais os professores são submetidos todos os dias, além da forma como esses professores foram formados, ou seja, fazendo uma reflexão quanto ao ensino dos cursos de licenciaturas oferecidos pelas instituições de ensino superior. Destaca também a importância de tornar a aprendizagem mais interessante e, portanto, mais significativa, com a inserção das novas tecnologias da informação e comunicação, nas práticas pedagógicas remotas, em tempos de Pandemia, além de tentar superar o distanciamento que ficou bem claro e visível entre os alunos das escolas públicas estaduais de ensino no que diz respeito o acesso às tecnologias.

Na Trilha 2 – Educação Digital foi elaborada em forma de capítulo para o e-book, com a equipe 703 e formação de 03 participantes, mas que teve a desistência de 02 membros, sendo realizada apenas por 01 único participante. A temática se deu com a continuidade do assunto sobre desigualdade educacional frente às competências digitais na educação e com a orientação do professor Laercio Pedro Torres Góes.

A partir da desistência dos participantes da equipe, os problemas de ordem funcional da especialização começaram aparecer, por conta dos conteúdos do curso ser importados da União Europeia – UE. Sem o devido conhecimento dos organizadores, coordenadores e professores orientadores, da UNEAB/UNEB, a integração dos participantes e o debate sobre a análise dos fundamentos teóricos, a temática sobre a desigualdade educacional, não se encaixava na proposta da especialização que levantava a bandeira da sociedade tecnológica, como referência mundial a ser seguida por todos mundialmente falando.

O Artigo apresentado em formato de capítulo de e-book faz parte da linha de pesquisa – Sociedade Tecnológica e TDIC – que Identifica de forma crítica, a realidade vivenciada e a forma de superação para alcance da educação digital do curso de especialização, realizado na Unidade Acadêmica de Educação à Distância (UNEAD), em 2022, com o título As desigualdades educacionais na escolarização digital dos alunos das classes populares, sob a orientação do Professor Laercio Pedro Torres de Góes, no componente curricular sociedade tecnológica, tft 02, do curso de especialização.

Na Trilha 3 – Competência Digital foi elaborado um artigo científico em formato de Paper, na equipe 103 com 03 participantes, mas que teve a desistência de 02 membros, sendo realizada apenas por 01 único participante. A temática abordada foi sobre o futuro da universidade no século XXI, dando continuidade ao assunto sobre desigualdade social frente às competências digitais na educação e com a orientação do professor Laercio Pedro Torres Góes.

Nessa trilha, os problemas de integração da equipe as atividades coletivas do curso não se realizaram devido aos problemas de ordem estrutural ao funcionamento de uma especialização oferecida na modalidade à distância para cerca de cinco mil inscrições em todo o território brasileiro. As possibilidades de encontro através das ferramentas disponíveis na internet (AVA moodle, google met,

teams, redes sociais,) tornaram-se incompatíveis com a disponibilidade de horário entre os participantes da equipe, perspectivas sobre a educação digital e também da falta de competência e habilidade no uso das ferramentas digitais disponíveis na internet.

Esse estudo faz parte da especialização em realizada pela Unidade Acadêmica de Educação a Distância (UNEAD), e tem como objetivo geral contribuir com o debate sobre as competências digitais da Trilha 3, com a elaboração de um paper na atividade final da disciplina tft 03. Para fundamentação teórica escolhemos o texto “O Futuro da Universidade: o maior risco é não ariscar”, (Nóvoa, 2019) que trata das mudanças que ocorrem nas universidades no século XXI, que vai além dos propósitos econômicos e mercadológicos das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), encampados pela União Europeia (UE) e outras instituições internacionais, mas que procura dar um sentido cultural e humanista na formação dos professores e estudantes do Ensino Superior.

Na Trilha 4 - Docência na Cultura Digital foi elaborado um memorial acadêmico com a equipe 465, formada por 04 participantes e orientação acadêmica da Professora Jussara Severo Silva, abordando os conteúdos curriculares dos tfts I, II, III, para a criação do portfólio de conclusão final do curso de especialização em educação digital.

Desde o início, na elaboração do memorial acadêmico a metodologia colaborativa do trabalho em equipe não funcionou semelhantemente aos processos anteriores dos tfts. Os participantes alegavam falta de tempo para as reuniões online, um completo estranhamento quanto à formação da equipe, desconhecimento da orientadora e a falta de alinhamento quanto à temática, problematização e fundamentação teórica. Infelizmente em todas as etapas dos tfts sempre ocorreram os mesmos problemas.

Nessa trilha, a experiência tornou-se impossível o entendimento coletivo. Uma equipe formada por 4 participantes que não se conheciam, não tinha ideia do que seria o memorial, assim mesmo tentou-se conversar, marcar posição, mas o desencontro tornou impossível o diálogo assim foi desistindo um por um os participantes.

Cada um dos participantes seguiu o seu caminho, no meu caso eu tentei seguir sozinho, assim como foi durante as outras etapas da especialização. Conseguir elaborar o memorial com a participação



da orientadora enviando o texto na fase preliminar, sendo bem aceito a estrutura do texto com algumas outras sugestões na formatação e na conclusão do alinhamento com os tfts.

Outros pontos negativos são apontados sobre o curso de especialização, além da improvisação constante na programação do curso. Nos conteúdos das disciplinas enfatizam-se a teoria da sociedade do conhecimento e das pedagogias do aprender a aprender, deixando muito a desejar, e tornando difícil o entendimento teórico e metodológico, como já foi citado anteriormente (Dalto, 2022).

A precariedade do campo social das tecnologias digitais da educação sem autonomia, sem regras, apenas se apoiando na tomada de posição dominante controlada pelo poder econômico, pelo dinheiro, não se sustenta num discurso importado dos países ricos, numa forma de exploração neocolonial.

Do outro lado, uma tomada de posição social no interior do campo das tecnologias digitais, sem força, sem trajetória cultural, sem capital cultural, dominada e excluída das maravilhas do mundo moderno, torna-se excludente no ensino e aprendizagem.

Essa é uma tragédia anunciada, um estudante ou centenas de estudantes sem o mínimo possível para adquirir um celular para operar com precariedade as tarefas escolares, sem internet em casa, sem escola, que possa assemelhar-se aos estudantes das famílias abastadas, fica impossível desenvolver suas habilidades e competências digitais com desenvoltura, diletantismo e qualidade.

## **CONCLUSÃO**

No encerramento do curso de especialização a temática abordada, desigualdade social e educação digital, com a palestra do Professor Dr. Daniel Mill, da Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCar).

Nos textos abordados nesse e-book, a temática sobre a desigualdade social, no contexto das tecnologias (TDIC) estão presentes em todas as trilhas trabalhadas, trajetórias e experiências proporcionadas no curso de especialização em educação digital.

É curioso que na programação das disciplinas do curso, a ênfase maior foi as exigências em torno da sociedade tecnológica, da necessidade global de aprendizagem da educação digital, sem nem discutir os meios da população brasileira adquirirem as ferramentas e recursos necessários para tamanha tarefa de aprendizagem, por parte de professores e alunos.

Em contradição a essa metodologia das competências e habilidades individuais, as quais estão fundados os argumentos da pedagogia das competências, o meu trabalho tornou-se indiretamente, o carro chefe para à fundamentação teórica e análise das necessidades e urgências na reformulação do processo do ensino e aprendizagem das instituições escolares públicas.

O curso de especialização em educação digital trouxe uma duplicidade entre ser objetivo e ser subjetivo ao mesmo tempo, ou seja, permitiu uma reflexão que revelou o caminho da mudança analógica para digital através da leitura dos componentes curriculares, e à crítica dessas mudanças, abrindo assim a possibilidade de um diálogo na formação e especialização nessa área do conhecimento tão vital para o futuro da educação nos países pobres.

Entretanto, por maior que seja a vontade dos organizadores, coordenadores e orientadores do curso de especialização digital promovido pela UNEAD acredita-se que possam ser aprimorados os conteúdos dos componentes curriculares do curso, dando menos ênfase aos discursos pragmáticos da sociedade do conhecimento e da pedagogia do aprender a aprender. Existem autores mais críticos e comprometidos com a realidade precária do ensino público, seja presencial ou digital, no Brasil e particularmente no Estado da Bahia.

Assim sendo, faz-se necessária atualização nas políticas públicas em se tratando de ampliar os recursos tecnológicos nas instituições, contribuindo assim, para o avanço das aprendizagens nesse âmbito.

Conclui-se então, que a era tecnológica chegou para ficar, e que dia após dia cada professor precisa aprimorar os seus conhecimentos e desenvolvê-los ao ponto de dominarem com eficácia os mesmos para que possam mediar os conhecimentos de maneira relevante.

Os profissionais da educação precisam ser qualificados para que tenham eficiência em suas metodologias e ocorra a inclusão educacional, sem que haja prejuízos por parte dos educandos.

Para repetir Moreira (2020), um dos expoentes maior do curso de especialização em educação digital da UNEAD, que ao falar das maravilhas das tecnologias digitais e indispensáveis para o mundo de hoje, repete sempre em seus discursos em prol das tecnologias digitais da informação e comunicação, que

isso por si só não basta, é necessário investimentos pesados em educação Moreira & Schlemmer, 2020, (p. 105).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre. As Regras da Arte. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, p.24, 1998.
- BOURDIEU, Pierre et al. Campo intelectual e projeto criador, In: Problemas do Estruturalismo. Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 106, 1966.
- CASTELLS, Manoel. Educação em Rede, RJ, Editora Paz e Terra, 2013.
- DALTRO, Renato Ribeiro et al. A Educação Digital no contexto da desigualdade social e educação inclusiva dos estudantes das classes pobres. Salvador, UNEAD/UNEB, 2023.
- DALTRO, Renato Ribeiro. As contradições sociais na escolarização dos estudantes das classes populares. Salvador, UNEAD/UNEB, 2022.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia digital e universidade para todos. /Salvador, UNEAD/UNEB, 2023.
- DIAS-TRINDADE, S. Competências Digitais, Trilha 3, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.
- \_\_\_\_\_. Sociedade Tecnológica: Tecnologia Digital da Informação e Comunicação – (TDIC), Trilha 01, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- MOREIRA, José António. Educação Digital, por um paradigma de educação digital (em rede), Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- MOREIRA, José António & SCHLEMMER, Elaene. (2020). Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. Revista UFG. 20 (26), 1-35. Disponível: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>.
- NÓVOA, António. O Futuro da Universidade: O maior risco é não ariscar. Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 29, jan/abril. 2019. 58 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i29.21710>. Acesso em: 06 de janeiro de 2023.
- SERRA, Ilka Márcia Ribeiro de Souza. Educação Digital, Gestão da Educação Digital, Trilha 02, Salvador, UNEAD/UNEB, 2020.
- UNESCO. Enfoques estratégicos sobre las TIC em educación em América Latina y el Caribe. Publicado em 2014 por La Organización de Las Naciones Unidas para La Educación, La Ciencia y La Cultura 7, place de Fontenoy, 753552 Paris 07 SP, Francia y La Oficina regional de Educación para América Latina y El Caribe (OREALC/UNESCO/Santiago).

---

## AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISES DO CAMPO CIENTÍFICO E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

### INTRODUÇÃO

Este artigo esboça a visão do sociólogo francês Pierre Bourdieu, acerca de sua compreensão sobre ciência ou especificamente, sobre os usos das ciências sociais quando analisadas em distinção a outras áreas do conhecimento do campo científico.

A sociologia da ciência de (Bourdieu 2004), por assim dizer, começa com o desencantamento da razão pura, cujo fundamento nos remetem a teoria do estrutural-funcionalismo, que atribui à prática científica um status de pureza cognitiva, que estaria ligado ao seu próprio *modus operandi* supostamente neutro.

Para o autor, o estrutural - funcionalismo tem uma finalidade em si mesmo cuja razão está na busca do reconhecimento e prestígio dos seus agentes institucionais, nos estudos de laboratórios, nos seus métodos quantitativos, biométricos e no financiamento próprio das suas pesquisas. O estrutural-funcionalismo pensa o mundo científico como uma comunidade que se dotou (has developed) com instituições justas e legítimas de regulação e onde não há lutas – em todo caso, não há lutas a propósito do motivo das lutas (p 24).

A sociologia da ciência, para o sociólogo francês decorre da sua afirmativa, de que a verdade científica está assentada num estado particular de condições sociais de produção. Para o autor, a sociologia da ciência supera o reducionismo teórico-metodológico das ciências sociais, colocando-se contra o objetivismo e o subjetivismo. Para o ele, o estruturalismo e a fenomenologia vistas de forma isoladas, não compreendem os reais significados das posições sociais dos grupos ou classes sociais (Bourdieu, 1990).

A sociologia da ciência, portanto, parte da compreensão do conceito de campo científico de (Bourdieu, 1983). O campo científico significa um sistema de relações objetivas entre posições adquiridas

(em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social: ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente.

Entende-se por campo ou espaço social, as relações de poder entre os grupos ou classes sociais de acordo com as posições de dominação ou de subordinação que estabelecem entre si. A teoria dos campos ou espaços sociais é sempre vista como espaços de lutas, de conflitos, de tensões, de distanciamento ou de cooperação entre os grupos ou classes sociais. Essas tensões, conflitos, analisados no interior do campo ou espaço social, constituem em diferentes situações ou posições de classes, em termos de acesso à cultura, aquisição de bens culturais, tipos de capital científico etc.

Aqui entra outro conceito importante na obra de (Bourdieu, 2003): o de capital científico. Segue-se que os campos são o lugar de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico: de um lado, um poder que se pode chamar temporal (ou político), poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissão, comitês de avaliação etc. De outro lado, um poder específico, "prestígio" pessoal que é mais ou menos independente do procedente, segundo os campos e as instituições, e que repousa quase exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetivado e institucionalizado, do conjunto de pares ou de fração mais consagrada dentre eles.

As duas espécies de capital têm leis de acumulação diferentes: o capital científico "puro" adquire-se principalmente, pelas contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações), especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio; o capital científico da instituição se adquire, essencialmente, por estratégias políticas que têm em comum o fato de todas exigirem tempo – participação em comissões, bancas (de teses, de concursos), colóquios mais ou menos convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões etc.

Analisa-se também, o conceito de estrutura do campo científico. Esta seria definida pelo estado das relações de forças entre os diversos agentes (cientistas e instituições); ou mais, precisamente, pela forma como os capitais estão distribuídos. Tal distribuição dos capitais científicos está na base das

transformações do próprio campo em questão. Os que possuem mais capital científico são, conseqüentemente, mais prestigiados, e dominam a própria noção de ciência num dado momento, seus métodos válidos e os temas mais relevantes. Eles tendem a conservar seu poder, impondo restrições aos novatos. Já estes, na disputa por acumulação de capitais específicos, tendem a subverter a ordem vigente, galgando espaços e investindo. Desta forma, dada a sua estruturação, o campo determina a forma da luta inseparavelmente científica e política dos agentes.

Para concluir gostaria de citar, como exemplo, as relações de forças no interior do campo da comunicação, na tentativa de analisar as práticas docentes da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IX de Barreiras, que envolvem o uso da mídia em geral e mais especificamente, as tecnologias aplicadas à educação, como instrumentos de aprendizagem e visão de mundo.

Na obra *Sobre a televisão* (Bourdieu, 1997), o autor descreve a influência dos fatores externos ao campo da comunicação, ou seja, o campo político e econômico como posição dominante nesta área. As práticas docentes relacionadas com a mídia, quase não se houve falar. As tecnologias aplicadas a educação, até o momento são dominadas pela educação à distância, que tem um apelo quase unânime do campo econômico e político, ambos controlados pelo mercado.

Em linhas gerais, o autor pondera, nesta obra, que o jornalismo (principalmente após a integração da TV no campo jornalístico) vem contribuindo com a perda da autonomia das estruturas de produção intelectual e cultural, como a arte e a ciência, assim como a política e a democracia, a partir das transformações que sofre ao longo do tempo por influência das forças econômicas.

Para Bourdieu, assim como para outros autores, em relação ao campo da comunicação, existe um espaço social real transpassado pelo campo do Poder. De acordo com (Miranda (2005), existe sim o campo de comunicação como um espaço social real onde ocorrem as lutas por posições no interior desse campo, mesmo considerando a perda da autonomia do jornalismo e da sua integração à televisão, ambos controlados pelo mercado e pelo campo econômico.

Alguns questionamentos, no entanto, são colocados quando se referem à perda da autonomia desses campos, da despolíticação e do empobrecimento intelectual e cultural da população mundial,

principalmente quando se fala nas relações de forças entre os agentes, que atuam na mídia em geral, e particularmente, em relação às tecnologias da educação.

Existe espaço no campo da educação brasileira, para analisar as tecnologias aplicadas à educação? Quais são as especificidades políticas e econômicas do campo da educação? Como são as relações de forças no interior deste campo? É possível a formação e acumulação de capital cultural em termos das tecnologias da educação? Podemos falar em autonomia do campo da educação em relação às tecnologias da educação?

Vários estudos apontam nessa direção, particularmente ao que se refere ao campo da comunicação, procurando contribuir para o avanço dos estudos nessa área, sobre o jornalismo, a televisão, a internet e mais recentemente, as tecnologias aplicadas à educação, como mostram os estudos de autores como (Daltro,2017), (Miranda, 2005), (Morduchowicz, 2004), (Martino, 2003), Barros Filho e Martino (2003), (Martín-Barbero, 1997), (Canclini, 1984), entre outros, que analisam a relação de forças interior do campo social em estudo.

Na concepção de (Morduchowicz 2004), seguindo essa linha de pesquisa, quanto mais sofisticado o capital cultural de uma pessoa, mais preparada estará para encontrar os significados plurais nos discursos, nos textos e nas informações que se produzem e circulam na sociedade, e que tanto incidem em sua visão de mundo. Na sua visão, os meios de comunicação e mais recentemente, as novas tecnologias, formam parte desse capital cultural. O modo em que as pessoas constroem o saber, a forma como aprendem e a maneira como conhecem são afetadas pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias aplicadas à educação.

Os filhos de hoje, pais, avós e professores, dizem, "não são como antes." E eles têm razão. As crianças de hoje não são como costumavam ser, entre outras coisas, porque a sua vida diária é muito diferente hoje. Crianças menores de 18 anos são a primeira geração a ter conhecimento desde a infância de um universo mediático extremamente diversificado (AM e FM), canais de TV (aberto e a cabo), vídeo, jogos, vídeo cassete, DVD, Internet, (Mourduchowicz, 2004).

Outras fontes de leituras sobre o campo da comunicação se referem aos estudos dos pensadores da Escola de Frankfurt, observando os efeitos negativos da indústria cultural e dos Estudos Culturais

(Cultural Studies), analisando a teoria do discurso e os estudos de recepção, como dizem Barros Filho e Martino:

Em que pese à inexistência, dentro do vasto campo dito “estruturalista”, de uma teoria da comunicação, mas apenas a análise de certos fenômenos comunicativos, o campo europeu de estudos pautou-se por dois grandes períodos de evidências: (I) nas décadas de 20 a 40, a chamada “Escola de Frankfurt” lançou as bases de uma “Teoria Crítica” da sociedade, tendo seus principais membros trabalhando até o final dos anos 60; (II) ao mesmo tempo, na Inglaterra, uma reinterpretação do marxismo clássico, aliada ao estruturalismo e aos estudos literários, resultou nos “Estudos Culturais”, força teórica mais próxima do eixo dominante nos estudos de Comunicação Barros Filho e Martino, 2023, (p. 189).

Nessa perspectiva, pretendo, no futuro, retomar a pesquisa do projeto inicial sobre a prática dos professores da UNEB, no uso das novas tecnologias aplicadas à educação, acrescentando outras fontes bibliográficas, principalmente as relacionadas ao pensamento dos Estudos Culturais com Bourdieu, como sugerem Barros Filho & Martino:

A formulação de uma teoria da prática e a contextualização da mídia como matriz geradora e produto dessa prática encontram-se desenvolvidas a partir de duas perspectivas sociológicas contemporâneas que, associadas, permitem a compreensão das ações comunicativas em um contorno científico mais preciso. Trata-se, de um lado, da sociologia do cotidiano, do “senso comum”, praticada por Pierre Bourdieu, na França, e dos Estudos Culturais, criados na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, de outro Barros Filho e Martino, 2023, (p. 213).

## **CONCLUSÃO**

Espero que o presente trabalho possa se constituir em uma contribuição, ainda que modesta, para o desenvolvimento da pesquisa na área do campo científico e do estudo no campo da comunicação, com novas questões e indagações, fortalecendo, assim, o legado deixado por Pierre Bourdieu e seus colaboradores na sua luta por uma sociologia da prática simbólica.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. O habitus na comunicação. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In Pierre Bourdieu. Sociologia. Org. Renato Ortiz, São Paulo: Editora Ática, 1983.
- \_\_\_\_\_. Da regra às estratégias. IN: Coisas Ditas. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 77-95.
- \_\_\_\_\_. Sobre a televisão. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_. Os Usos Sociais da Ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. Para Uma Sociologia da Ciência. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2004.
- MORDUCHOWICZ, Roxana. O capital cultural dos jovens. Editora Fundo de Cultura Econômica, 2004. Buenos Aires.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

campo econômico, 4  
capital cultural, 58  
capital social, 4

### E

educação digital, 58  
Especialização, 4, 58

### H

*habitus*, 58

### P

Pierre Bourdieu, 4, 58

### S

Sociedade Tecnológica, 4

### T

trajetória social, 4

### U

UNEAD, 4, 58

UNEB, 4, 58

## **SOBRE O AUTOR**



  **Renato Ribeiro Daltro**

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA (1986), curso de especialização em Metodologias e Pesquisas Científicas pela Universidade Católica de Salvador - UCSAL (1995), mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC (2000) e doutorado em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos/SP - Ufscar (2009). Possui aperfeiçoamento em Sociologia de Pierre Bourdieu pela Universidade de São Paulo - USP (1999), líder do grupo de pesquisa A Teoria dos Campos, com experiências em pesquisas e extensões nos campos sociais, *habitus* e capital cultural em educação, educação no campo, religião, comunicação e novas tecnologias aplicadas à educação. Atualmente é Professor Titular Pleno da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus IX, Barreiras, com orientações acadêmicas no Quadro de Professor Permanente do Mestrado Profissional em Gestão e Novas Tecnologias Aplicadas à Educação (2010-2015) - GESTEC, DEDC, Campus I, UNEB, Salvador. Pós-doutor em educação digital - FEUSP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, 2017, com trabalhos escritos nas teorias dos campos da educação, científico e da comunicação. Especialização em Educação Digital, pela UNEAD (Educação à Distância) da UNEB. Contato: 77 981127466, e-mail: [rdaltro@uneb.br](mailto:rdaltro@uneb.br)



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 9608-6133 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)